

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A DANÇA DE SÃO GONÇALO EM SÃO  
CRISTÓVÃO: A CORPOREIDADE NO  
FOLCLORE SERGIPANO.**

**ANA ANGÉLICA FREITAS GOIS**

**PIRACICABA, SP  
2003**

# **A DANÇA DE SÃO GONÇALO EM SÃO CRISTÓVÃO: A CORPOREIDADE NO FOLCLORE SERGIPANO.**

**ANA ANGÉLICA FREITAS GOIS**

**ORIENTADOR: PROF. DR. WAGNER WEY MOREIRA**

**Dissertação apresentada à Banca  
Examinadora do Curso de Pós-  
Graduação em Educação Física da  
UNIMEP como exigência parcial  
para obtenção do título de Mestre  
em Educação Física.**

**PIRACICABA, SP  
2003**

**GOIS, Ana Angélica Freitas**

A Dança de São Gonçalo em São Cristóvão: A Corporeidade no Folclore Sergipano/95p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba. FACIS/PPGEF. Piracicaba-SP, 2003.

Área de concentração: Corporeidade, Pedagogia do Movimento e Lazer.

Orientadora: Wagner Wey Moreira

1. Corporeidade 2. Folclore Sergipano 3. Educação Física

## **BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Wagner Wey Moreira**

**Profa. Dra. Eline Porto**

**Prof. Dr. Pedro Paulo Maneschy**

## **DEDICATÓRIA**

- **AOS MEUS PAIS...**

**José Santana Gois**

Faz muito tempo que não nos vemos, que não conversamos, mas sabemos da grande importância da nossa relação de AMOR.

PAINHO, onde quer que o senhor esteja, dedico-lhe estes sinais de VIDA...

**Enilda Freitas Gois**

Mãe, por nos tornarmos íntimas, amigas e companheiras, pelo nosso sincero e livre AMOR...dedico-lhe este momento. Afinal, ele está sendo possível graças à senhora.

- **AO MEU ORIENTADOR...**

**Wagner Wey Moreira**

É importante registrar a importância do nosso encontro, da minha alegria em conviver com você, com o seu brilho e especialmente com a sua sabedoria. Dedico a você este trabalho, bem como o meu interesse e motivação pela área educacional.

- **AOS MEUS ALUNOS...**

Vocês são especiais e únicos em cada momento da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Este momento “parece” finalizar uma grande e inesquecível viagem. Viagem que teve sua origem na cidade de Aracaju, em março de 2001, com destino à cidade de Piracicaba, interior de São Paulo. Piracicaba que me recebeu e que de várias formas me encanta.

Nesta grande viagem trouxe uma bagagem carregada de sonhos, idéias, amores, intenções, dores, desejos, saudades, experiências e conquistas, mas trouxe principalmente vontade e ânimo para conhecer, aproveitar e curtir da melhor forma este meu novo “passeio”, meu novo “encanto”, meu novo “encontro”, minha mais nova “conquista”, o Curso de Mestrado.

Este curso me oportunizou felicidades, inúmeras dificuldades, um grande campo de conhecimentos, novas informações, um emaranhado de amigos, uma fortaleza de convicções e também uma muralha de dúvidas.

Nas aulas, nas quadras, nas viagens, nas festas, nos bares, em tantos lugares vivi e registrei o melhor de cada um que conheci, reconheci naqueles com quem convivi as diferenças e sei que são estas as nossas grandes igualdades.

Percorri diversas estradas, freqüentei filas de diversos níveis, experimentei ser uma verdadeira nordestina em plena cidade grande. No Terminal Rodoviário Tietê, diversas vezes aguardando ônibus, pude registrar inúmeras pessoas vindo para a região sudeste do Brasil, transportando nas suas grandes bagagens sonhos, desejos, frustrações, lamentações e principalmente esperança de dias melhores.

Para dar continuidade, ou melhor, para fazer mais uma nova viagem, preciso desfazer as minhas malas e apresentar reflexões, discussões e inquietações acerca do tema em estudo.

Pretendo disponibilizar idéias para aqueles que desejam contribuir, sugerir e propor diálogos sobre esse assunto. Lembro também que muitos itens foram descartados, e por isso não foram mencionados entre as lembranças desta viagem; afinal, após um caminho tão belo e promissor, por que repensar ou valorizar algo que traz desconforto, tristeza e muitas vezes indignação?

Realmente não estou cansada desta estrada, deste caminho, deste dançar, ao contrário, foi um mágico e real prazer vivenciar tudo isso. Espero, de alguma forma, traduzir estes momentos de busca, de conquista da nossa história, da nossa raiz com muita humildade, clareza e simpatia, da mesma forma como foram os meus encontros com estudiosos, folcloristas e com o povo tratado nesta pesquisa. Aproprio-me da composição interpretada por Elba Ramalho para expressar esses encontros e momentos especiais:

Há muito tempo que eu saí de casa,  
Há muito tempo que eu caí na estrada,  
Há muito tempo que eu estou na vida.  
Foi assim que eu quis,  
Assim eu sou feliz,  
Principalmente por poder voltar a todos os lugares  
Onde já cheguei,  
Pois já deixei um prato de comida,  
Um abraço amigo,  
Um canto para dormir e sonhar  
E aprendi que se depende sempre  
De tanta muito diferente gente  
Toda pessoa sempre é as marcas  
Das lições diárias de tantas outras pessoas  
E é tão bonito quando a gente entende  
Que a gente é tanta gente

Onde quer que a gente vá,  
E é tão bonito quando a gente sente  
Que nunca está sozinho  
Quando pensa estar,  
E é tão bonito quando a gente pisa firme  
Nessas linhas que estão na palma de nossas mãos,  
E é tão bonito quando a gente vai a vida  
Nos caminhos onde bate mais forte o coração.

Preciso também, a partir de agora, arrumar minhas novas malas ou, quem sabe, levar as antigas mesmo e nelas colocar novas bagagens, buscando mais um novo “passeio”, mais um novo “caminho”, mais um novo “encontro”, mais uma nova “conquista”.

Para isso, desejo anunciar a minha extrema alegria em expressar meus agradecimentos a todos que surgiram na minha vida, que, na minha viagem, cruzaram o meu caminho, principalmente aqueles que deixaram marcas de carinho, de amizade, de amor, de encontros, marcas de palavras, de ações que, de alguma forma, motivaram os meus impulsos para buscar e estimular a minha grande paixão: APRENDER e ENSINAR e ENSINAR e APRENDER com todos que se disponibilizam para tal exercício, exercício que resulta em práticas de paz, práticas de um bom viver. OBRIGADA! Sabemos das nossas relações e de que forma vocês estão presentes na minha vida...

- Minha família: Walter César Freitas Gois, José Santana Gois Júnior, Carla Valéria Freitas Góis, Júlia Freitas Gois, Walter César Freitas Gois Júnior, Bárbara Brenda Freitas Gois, Dulcinéa Freitas Lacerda e Anderson Lima de Souza.
- Meus amigos conquistados no Curso de Mestrado Flávia Fiorante, Karyne de Oliveira Coelho, Denis Terezzani, Patrícia Stanquevich, Ataliba Mendonça, Manoel Júnior, Eliana Virgínia, Luiz Mazine, Alessandra Rigatto, Januária Andréia, Jussara Rosa e Mestre Lucas.
- Os Professores Roberta Gaio, Regina Simões, Ademir De Marco, Ídico Pellegrinoti, Nelson Carvalho Marcellino, Sílvia Cripaldi, Tânia Cury, Tânia Sampaio, Marcelo Castro, José Carlos Batista, Ida Carneiro, Clauberto Costa, Douglas Andrade, Maurício Teodoro, Marynelma Garanhani, Geísa Bernardes, Edgar Hubner, Maria da Salete Martins, Gilson Dória, Pedro

Jorge Menezes, Sílvia Holanda, Maria Auxiliadora Aboim Machado, Lazaro Bueno, Luiz Mayor ...

- A Banca examinadora Pedro Paulo Maneschy e Eline Porto.
- Os Mestres, Brincantes e estudiosos do Folclore Sergipano Aglaé D'Ávila Fontes de Alencar, Luis Antonio Barreto, Maria Glória Santos, Raimundo Bispo dos Santos, Jorge dos Santos, Neilde Santos de Jesus, Maria Rosa de Oliveira.

### **HOMENAGEM AO GRUPO IMBUAÇA**

O IMBUAÇA completou, no ano de 2002, vinte e cinco anos de existência e de completa relação com a história e com a maneira de ser e viver do povo sergipano.





Foto: Marcel Nauer

*“Uma voz que martela noite e dia, às nossas cabeças. Um desejo guardado há anos e comungado com outros que partiram. Um encontro ou re-encontro, cheio de emoções na Colônia Juliano Moreira. A peregrinação pelos espaços onde se deu o primeiro delírio e assim até a morada que abrigou tudo: os escolhidos. Do pavilhão Ulisses Viana, agora para as ruas do mundo, estamos nós cumprindo a promessa de manter acesa a chama de um ideal, seguindo em frente, como andarilhos das ilusões. Nossa tradição é muito maior que os labirintos do mundo, jamais perderemos a cor e os caminhos que guiam o nosso reisado, feito de promessa e vida”.*

(Grupo Imbuaça).

**HOMENAGEM A RICARDO BIRIBA  
PELO APOIO À ARTE, À HISTÓRIA DO POVO E À EDUCAÇÃO.**





Foto: Isavânia Farias

## RESUMO

O presente estudo se insere no Programa de Pós Graduação da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, no Curso de Mestrado em Educação Física, na Linha de Pesquisa da Pedagogia do Movimento: Educação Motora, ao Grupo de Pesquisa “Estudo de propostas pedagógicas em esportes, danças, ginásticas, lutas e jogos e na formação profissional da área. Surge da possibilidade de novas contribuições para discussões na área da Educação Física acerca de práticas pedagógicas com perspectivas de valorização da cultura popular e do folclore. Este estudo, A Dança de São Gonçalo em São Cristóvão: a corporeidade no folclore sergipano teve, como objetivo interpretar a relação do folclore sergipano, especificamente a Dança de São Gonçalo, encontrada no Município São Cristóvão, com os estudos da corporeidade e sua possível contribuição para a prática pedagógica na Educação Física Escolar. O procedimento metodológico foi caracterizado por uma abordagem qualitativa de pesquisa em Educação, do tipo bibliográfica e de campo. O instrumento utilizado no trabalho de campo foi a entrevista semi-estruturada, em que a pesquisadora apresenta a população que dança e o discurso de alguns sujeitos referentes ao ato de dançar e estudar o folclore sergipano. O processo de observação das entrevistas envolveu momentos de observação descritiva e reflexiva, através da proposta de LUDKE e ANDRÉ (1986). Com base nos dados obtidos através das entrevistas realizadas, constatou-se, que a relação dos pesquisados com o folclore sergipano se deu através de ligações de atividades cotidianas, desenvolvidas desde a infância até os dias atuais, uma relação de paixão, de total intimidade com as mais variadas apresentações folclóricas vividas em cada época. Assim, reconhecem a importância do estudo do folclore sergipano a partir da possibilidade da identificação das etnias, pelas criações e recriações das linguagens teatrais, das danças e dos gestos. Destacam ainda a necessidade de a escola abrir espaços para a cultura popular e o compromisso da Educação Física neste processo, através dos seus conteúdos com o estabelecimento de uma comunicação com o vasto leque de possibilidades oriundas da cultura popular. Conclui este trabalho apresentando as possibilidades e a importância da valorização da cultura popular nas escolas, especialmente na Educação Física, através dos jogos, das danças e das brincadeiras, viabilizando assim a relação do conhecimento com a cultura dos alunos durante o processo educativo.

## **ABSTRACT**

The present study if it inserts in the Program of Powders-Graduation of the Methodist University of Piracicaba - UNIMEP, in the Course of Master's degree in physical education, in the Line of Research of the Pedagogy of the Movement: Motive education, to the Group of Research "Study of pedagogic proposals in sports, dances, gymnastics, fights and games and in the professional formation of the area. It appears of the possibility of new contributions for discussions in the area of the physical education concerning pedagogic practices with perspectives of valorization of the popular culture and of the folklore. This study, The Dance of San Gonzalo in San Cristóbal: the corporeality in the folklore sergipano had, as objective interprets the relationship of the folklore sergipano, specifically the Dance of San Gonzalo, found in the San Cristóbal, with the studies of the corporeality and your possible contribution for the pedagogic practice in the School physical education. The methodological procedure was characterized by a qualitative approach of research in Education, of the bibliographical type and of field. The instrument used in the field work it was the semi-structured interview, in that the researcher presents the population that dances and the speech of some referring subjects to the act of to dance and to study the folklore sergipano. The process of observation of the interviews involved moments of descriptive and reflexive observation, through the proposal of LUDKE and ANDRÉ (1986). With base in the data obtained through the accomplished interviews, it was verified, that the relationship of the researched with the folklore sergipano he/she felt through connections of daily activities, developed from the childhood to the current days, a passion relationship, of total intimacy with the most varied folkloric presentations lived in each time. Like this, they recognize the importance of the study of the folklore sergipano starting from the possibility of the identification of the etnias, for the creations of the theatrical languages, of the dances and of the gestures. They still detach the need of the school to open spaces for the popular culture and the commitment of the physical education in this process, through your contents with the establishment of a communication with the vast fan of possibilities originating from of the popular culture. I conclude this work presenting the possibilities and the importance of the valorization of the popular culture in the schools, especially in the physical education, through the games, of the dances and of the games,

making possible like this the relationship of the knowledge with the students' culture during the educational process.

## **SUMÁRIO**

<b>Introdução.....</b>	<b>02</b>
<b>Capítulo 1</b>	
<b>Corporeidade e Dança.....</b>	<b>08</b>
<b>Capítulo 2</b>	
<b>Folclore do Povo Sergipano.....</b>	<b>29</b>
<b>Capítulo 3</b>	
<b>A Dança de São Gonçalo: Ver e</b>	<b>47</b>
<b>Sentir.....</b>	
3.1 – Pesquisando o Sergipano que Dança.....	58
3.2 – Análise dos Discursos.....	80
<b>Considerações</b>	<b>87</b>
<b>Finais.....</b>	
<b>Bibliografia.....</b>	<b>90</b>

...

## **INTRODUÇÃO**



A dança está presente em minha vida antes mesmo que eu a conhecesse! No ano de 1960, na cidade de Aracaju-SE, meus pais iniciaram um namoro. Algumas características do início desta relação ainda estão presentes na memória da minha mãe, que sempre me falou, sobre a preocupação dos meus avós maternos em preservar a imagem da filha, tomando algumas medidas tais como: muros e portões para separar os corpos do casal; a presença constante dos irmãos mais velhos para acompanhá-los em diversos programas; beijinhos só na mão em sinal de respeito, entre outros cuidados.

Ao mesmo tempo em que estas situações eram vivenciadas, esses corpos se desejavam, estavam cheios de fantasias, sentiam uma forte necessidade de se conhecer, se tocar e trocar “um bem demais sem ter um por quê”.

Um certo dia, eles descobriram uma casa de dança e sempre que podiam, claro que geralmente escondidos, estavam lá. A partir das novas noites dançantes, resolveram programar o meu irmão mais velho e desta forma asseguraram a autorização para esta união. Em 1970, já com novas relações na vida do casal, com a presença de um novo membro, continuavam no ritmo da dança, na dança de gafeira, a qual também influenciou diretamente a minha programação. Então, em 1971, nasci!

Para finalizar ou mesmo iniciar esta história, no dia 17 de novembro de 1984 os meus pais foram tragicamente separados. A mesquinhez humana insistiu em se apresentar, dando tiros no corpo daquele homem, daquele ser que, para nós, está completamente presente, vivo em nossas ações.

Você deve estar se perguntando: O que isso tem a ver com o estudo da corporeidade? Da dança? Da Educação Física? Afinal, o que se pretende com esta pesquisa?

Aproprio-me das palavras de Moreira (2003, p. 149) para expressar:

Corporeidade é sinal de presentidade no mundo. É o sopro que virou verbo e encarnou-se. É a presença concreta da vida,



fazendo história e ao mesmo tempo sendo modificada por essa história e essa cultura.

Acredito no corpo que se expressa numa dança em uma gafeira, que vive e produz outros corpos que possuem perspectivas, no corpo que evidencia sua corporeidade, ou melhor, sua própria existência.

Entendo o fenômeno corporeidade através da capacidade de existir, de viver, de aprender, de apreender e de re-aprender com o saber, com a cultura, com o corpo.

Através da minha história de vida, pretendo me apresentar e descrever, enquanto ser, enquanto corpo, mulher, simbólica e possuidora de relações com outros corpos, o meu compromisso em buscar conhecer e compreender as inúmeras possibilidades em minha existência, partindo da capacidade de investigar, pesquisar, refletir e transformar o que for possível ser transformado.

Em minha formação, a dança sempre se fez presente. Na fase escolar pratiquei e convivi com a ginástica rítmica desportiva e a dança, participando de várias apresentações.

Quando resolvi cursar a graduação em Educação Física na Universidade Federal de Sergipe, eu já havia iniciado um trabalho como professora de ginástica rítmica desportiva em uma escola particular de Aracaju, local em que atuei no período de 1988 a 1999. Esse trabalho me deu a oportunidade de cometer acertos e erros que foram essenciais para a minha atual prática pedagógica.

Quando ingressei como professora da rede pública de ensino, especificamente na localidade Colônia Treze, no município sergipano de Lagarto, no ano de 1998, tive o interesse e a iniciativa de desenvolver a ginástica geral, atividade em que me concentrei desde aquele momento até os dias atuais, surgindo assim, trabalhos de caráter popular, especialmente relacionados ao folclore. Percebi que a realização de atividades com este enfoque resultava em uma possível contribuição para o desenvolvimento da Educação Física escolar, pensamento que tenho até o momento e que me impulsiona para novas

investigações. Dessa forma, a idéia deste estudo nasceu de experiências acumuladas a partir dos meus trabalhos durante os anos do exercício profissional de ensino da Educação Física, para alunos das escolas pública e privada, bem como, atualmente, para universitários.

Após ingressar, em 2001, no Programa de Pós Graduação da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, no Curso de Mestrado em Educação Física, na linha de pesquisa de Pedagogia do Movimento: Educação Motora, mais especificamente no grupo de pesquisa “Estudo de Propostas Pedagógicas em Esportes, Danças, Ginásticas, Lutas e Jogos” e na formação profissional da área, pude observar e registrar algumas Universidades e Faculdades de Educação Física no Brasil, desenvolvendo, em seus currículos e programas de ensino, a discussão sobre a valorização do folclore e a grande importância das manifestações culturais de cada região do país, surgindo assim uma grande oportunidade para enriquecer o debate no meio acadêmico acerca das diversas histórias de vida que são a história do povo.

Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, Faculdade de Educação Física de Santo André – FEFISA, Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCCAMP, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, UNINOVE – São Paulo, Universidade Federal de Sergipe – UFS, Faculdades Integradas Einstein de Limeira – FIEL são Instituições que me apresentaram diversas possibilidades de intercâmbio nas discussões acerca das manifestações culturais, ao longo de trocas de experiências durante a realização de atividades acadêmicas no período do Mestrado.

Em julho de 2001, na realização do I Simpósio Cultural em Educação Física e Esportes Brasil/Cuba, na Universidad de Camaguey - Cuba, brasileiros e cubanos discutiram e vivenciaram experiências práticas sobre a importância da valorização da cultura, principalmente neste momento de globalização, através das danças e músicas brasileiras e cubanas, possibilitando novas interpretações aos meus questionamentos e referências ao meu estudo.

No período de 20 a 26 de julho de 2003 foi realizado, em Lisboa, a XII Gymnaestrada Mundial, evento que reuniu 25.000 ginastas de cinquenta

diferentes países do mundo. Neste Festival de Ginástica Geral, o folclore apareceu de forma enriquecedora em alguns trabalhos, demonstrando que há uma grande possibilidade de comunicação de extrema importância para os mais variados trabalhos desenvolvidos pela academia.

No mesmo período desta importante viagem a Portugal, dessa vez na cidade de Palmela, o orientador desta pesquisa, Wagner Wey Moreira, teve oportunidade de apresentar mais um trabalho dentro do contexto da cultura popular do Brasil, intitulado O Folclore na Educação Física Escolar: um olhar para a história do povo. Este trabalho objetivou apresentar a relação do folclore com o processo educacional através das danças e dos elementos que constituem as manifestações da cultura popular. A partir da análise de histórias de vida, pretendeu-se identificar as possibilidades de registro e valorização das expressões populares na área da Educação Física Escolar, enfatizando as diversas criações e recriações construídas pelas diferentes gerações ao longo da história.

A minha participação nestes eventos reforçou e me impulsionou a desenvolver esta pesquisa com mais convicção de que a possibilidade de uma maior comunicação da Educação Física será vislumbrada com um maior sentido e função para o desenvolvimento da cultura do povo brasileiro, e que essa comunicação possibilitará, para a escola e para os alunos, um maior reconhecimento da sua origem, da sua história.

A presente pesquisa insere-se entre as temáticas que discutem a Educação Física e a prática pedagógica, sendo que, a partir do folclore sergipano, enfatizando a diversidade rítmica, a força de uma linguagem construída e transformada de geração em geração, busca-se, de forma geral, contribuir para o debate na área de Educação Física acerca da importância do registro e da valorização das manifestações da cultura popular referentes ao folclore como meio que o povo tem para viver e compreender o mundo, evidenciando a história e a cultura transmitidas e transformadas pelo povo que não só canta e dança, mas manifesta, de forma crítica e criativa, sua arte de viver.

A pesquisa intitulada A Dança de São Gonçalo em São Cristóvão: A corporeidade no Folclore Sergipano objetiva interpretar a relação do folclore sergipano, especificamente a Dança de São Gonçalo encontrada no município de São Cristóvão com estudos da corporeidade e a sua possível contribuição para a prática pedagógica na Educação Física Escolar.

O problema desta pesquisa está centrado na reflexão sobre a dança, em especial a Dança de São Gonçalo, visando interpretar as possibilidades de manifestações do fenômeno corporeidade no folclore sergipano.

O primeiro capítulo, Corporeidade e Dança, apresenta diálogos com autores sobre corpo, a corporeidade e a sua representação através da dança folclórica na Educação Física.

O segundo capítulo, intitulado Folclore do Povo Sergipano: apresenta aspectos que constituem a cultura sergipana e sua representação, através da grande importância dos estudos do folclore no estado, enfatizando a importância da quarta cidade mais antiga do Brasil, São Cristóvão e seu papel na formação de manifestações folclóricas no estado de Sergipe.

O terceiro capítulo, A Dança de São Gonçalo: Ver e Sentir, é caracterizado pela Dança de São Gonçalo, encontrada no município de São Cristóvão, uma dança entendida, como possibilidade de expressão do ser humano em uma determinada cultura, valorizando a sua história a partir das diversas expressões e manifestações do povo. A expressão Ver e Sentir escolhida para acompanhar a Dança de São Gonçalo, tem o objetivo de alertar para o grande alcance que há nos sentidos e que haverá sempre um olhar diferente para cada imagem refletida, ou mesmo sentida.

Parafraseando Simões (1998, p.14):

Olhar o corpo a partir da ótica dos sentidos, provavelmente. É mais do que simplesmente ver, da mesma forma que olhar está além do ver. Olhar o corpo é habitá-lo, envolvê-lo, tocá-lo, estar comprometido, uma vez que também olho com as mãos, e não somente descrevo o que o olho permite enxergar. Olhar é deixar-se penetrar pela imagem!

Contemplo a minha compreensão do olhar, do ver no pensamento de Simões (1998, p.15):

Para olhar não preciso ver, na medida em que fecho os olhos para sentir um beijo, escutar uma música, deixar fluir a sensibilidade ou mesmo para esquecer os problemas racionais da existência vital.

Pesquisando o Sergipano que Dança, subdivisão do terceiro capítulo, caracteriza a Metodologia utilizada na pesquisa, descrevendo a população e a coleta de dados através das entrevistas e observações realizadas na pesquisa de campo, em que a pesquisadora apresenta a população que dança e o discurso dos sujeitos referente ao ato de dançar e estudar o folclore sergipano. A análise e o processo de observação das entrevistas foram constituídos por observações descritivas e reflexivas através da proposta de LUDCKE e ANDRÉ (1986).

Recorrendo à literatura utilizada na pesquisa, finalizo este estudo apresentando considerações sobre as manifestações populares, visando um reconhecimento da sua importância no processo de valorização das manifestações folclóricas sergipanas, especialmente as danças folclóricas, para o trabalho educacional na disciplina Educação Física.

## **CAPÍTULO 1**

### **CORPOREIDADE E DANÇA**

“Prefiro manter o meu discurso dentro dos limites do meu braço, pois é somente dentro deste círculo que a minha palavra pode ser criadora”.  
(Rubem Alves)

O corpo privilegia a comunicação através da dança, que proporciona uma linguagem diversificada de movimentos, em que a beleza e a tristeza, a poesia e a magia se unem, ou mesmo, se confundem e invadem, em um mesmo tempo, o mesmo espaço: o palco da vida.

Mas, neste palco, como se movimentar? O que mover? Como e o que dançar? Quais são os movimentos ideais para tantos corpos diferenciados e tão únicos?

Para Dantas (1999, p. 28):

O movimento no corpo dançante designa um deslocamento, uma transformação e identifica-se com impulso corporal, com a capacidade de projeção do corpo no tempo e no espaço. Um corpo ao dançar, entrega-se ao ímpeto do movimento, deixando-se deslocar e transformar. Ele atravessa o espaço, joga com o tempo, brinca com as forças e leis físicas, diverte-se com seu peso, provoca dinâmicas inusitadas. Mas para que haja o movimento é preciso também haver o não movimento, a quietude, o silêncio do corpo dançante. É o imóvel que sustenta o movimento, assim como o vazio – o não movimento – solicita e impulsiona o movimento para ser ele mesmo...

Movimento, nesta pesquisa é entendido como possibilidade de deslocar – se na vida, no meio em que há interações, em busca do melhor gesto, dessa grande força de expressão.

Para Merleau-Ponty (1999, p. 203):

O corpo é nosso meio geral de ter um mundo. Ora ele se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e passando de seu sentido próprio a um sentido figurado, ele manifesta através deles um novo núcleo de significação: é o caso dos hábitos motores como a dança. Ora enfim a significação visada não pode ser alcançada pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele se

construa um instrumento, e ele projeta em torno de si um mundo cultural.

Estabelecendo uma analogia da dança com a vida, apresento como principais dançarinos o povo que, mesmo em um contexto social, político, econômico e cultural tão desarmonioso, encontra-se, ainda assim, disposto a acompanhar seu ritmo próprio para executar sua melhor e constante apresentação: viver.

Nesta constante apresentação corpos amam, sofrem, reprimem, são reprimidos, expressam seus anseios, angústias e frustrações, vibram com a presença e mesmo com a ausência de outros corpos.

Corpos que convivem com a fome, o frio, a seca, os extermínios, alguns sem vestir e sem calçar, mas ainda corpos que vivem a dança. Corpos que se unem, construindo histórias a cada instante contadas e recontadas por diferentes personagens.

Personagens que vivem, que dançam e passam no tempo, nas páginas “felizes ou infelizes desta história”, representando as mais diversas gerações.

Para Daolio (1998, p. 40) “o homem aprende a cultura por meio do seu corpo e o que define o corpo é o seu significado, não só nas semelhanças, mas também pelas diferenças construídas por cada sociedade”.

Ao analisar a relação entre o corpo e a cultura através da dança, observo as diferenciadas formas com que os povos expressam esta atividade.

A dança existe como uma expressão própria do ser humano e ao longo dos tempos, é possível observar transformações em seus diversos aspectos e relações com o divino, com a natureza, com a sociedade e com o próprio corpo, estabelecendo uma comunicação dinâmica e significativa entre os indivíduos.

Dança compreendida como atividade humana, veículo de comunicação do mistério, do divino, do conhecido ao desconhecido, em que os corpos se apresentam carregados de sentidos e intenções. Expressão livre, natural de tantos, arte de tão pura cultura, de riquezas, tradições e valores que se transformam no tempo e no espaço.



Tempo e espaço que apresentam a dança através das celebrações, na magia dos jogos, das festas, das lutas, confrontos e guerras, na morte, na paz e na união.

Bejart apud Garaudy (1980, p.8) diz: “A dança é união. União do homem com seu próximo. União do indivíduo com a realidade cósmica”.

O ser humano, ao que tudo indica, sempre dançou, utilizando o corpo para se comunicar, expressando diferentes sentidos.

Os corpos primitivos dançavam para louvar e agradecer as manifestações da natureza, expressando suas crenças, suas conquistas, bem como seus medos e sentimentos. Os rituais concentravam magia e integravam ser humano, cultura, meio ambiente e força divina.

Segundo Gonçalves (1994, p. 15):

Na expressividade de seus movimentos, o homem primitivo revela sua íntima união com a natureza. Seu corpo, como parte da natureza, também produz ritmos, que se revelam na harmonia de seus movimentos corporais.

Nos dias atuais, povos continuam dançando com o objetivo de celebração, demonstrando suas crenças e manifestando sua fé.

Ao escolher a dança, especialmente a Dança de São Gonçalo para esse estudo, pretendo apresentar para a Educação Física possibilidades através dos costumes e crenças, significações de importantes histórias do povo apresentadas pelas danças folclóricas.

É possível observar, através das danças folclóricas, miscigenações estampadas em movimentos do cotidiano de uma gente que produz diversas manifestações corporais. Manifestações influenciadas pela determinação de valores culturais, gerando modificações significativas no comportamento das pessoas, tornando necessária reflexões e ações que sejam coerentes com a realidade de cada região, cada grupo e principalmente cada cidadão no país que apresenta características de culturas totalmente diversificadas. Corpos que

possuem especificidades próprias e que são observadas facilmente, em cada região desse imenso Brasil.

Diante deste panorama exemplifico, através dos estudos de doutoramento de Maneschky (2001, p. 4) sobre a cultura amazônica:

Multidimensionalidade multicultural crítico – criativa dos encontros e desencontros das riquezas do índio, negro, branco, que se transformam em caboclo, cafuzo, mameluco, mestiço. Mistério do pássaro que vira menino / moleque que vira Tem-Tem, Tucano, Bem-Te-Vi; caçador que vira príncipe, que seduz princesa que vira fada, que salva o pássaro que voa lépido e fagueiro. São, pois, esses os vultos que passeiam e navegam por todo o imaginário sociocultural da Amazônia, em seus rios que se fazem ruas, e ruas que se alagam e se inundam de mundos – vida, corpos, corpos lúdicos, eróticos, ecológicos, de todos os nomes, de todas as cores, em todos os palcos.

É, pois, nessa perspectiva que vou interpretando / interpenetrando os traços, tramas e teias de minha cultura, buscando entendê-las em sua complexidade, como um processo em constante criação/recriação/recreação, que vai sendo gestada/parida ao longo de sua história e que, como num mosaico, se amalgama pela incorporação em fricção tencionada/conflituosa/sedutora de múltiplos elementos/recortes das diversas expressões cosmo-locais que aí se entrelaçaram.

Estes aspectos citados pelo autor contribuem para o meu pensamento de que os valores culturais vêm sofrendo influência de várias formas ao longo da sua formação, da sua história. Utilizo nesse momento a influência dos veículos de comunicação, ressaltando a sua grande contribuição nas imposições de modelos, valorizações de padrões, moldes e símbolos dos mais diferentes níveis para toda a sociedade.

A sociedade brasileira gentilmente cede e recebe as mais profundas especulações que reduzem consideravelmente a sua criticidade, tornando-a cada

vez mais escrava de um conformismo ingênuo provocando um grande cenário de imobilização para tantos elementos da sua cultura.

Refletindo-se sobre estas afirmações, questiona-se, se as pessoas estão atentas à variedade de receitas oferecidas e impostas como garantia de qualidade de vida, através da aquisição de produtos e marcas que parecem capazes de vestir ou mesmo de fantasiar toda uma nação.

Para Silva (2001, p. 80):

A economia de mercado engendra as formas mais duras e mais sutis de dominação, fazendo desaparecer, por meio de suas técnicas de manipulação de massa, a consciência da dominação por parte dos dominados. A televisão como posto avançado da mídia, admitida real ou potencialmente em todos os lares do planeta, vai processando esse embotamento das consciências. Seu trabalho é lento e suave e, por isso, extremamente eficaz; acaba por fazer parte daqueles que a assistem, na medida em que representa um prolongamento não só de seus olhos e ouvidos, mas uma excitação dos seus nervos, do seu apetite, dos seus desejos. Modela seus princípios éticos e estéticos e sobrepõe-se ao sistema de educação formal, que sucumbe ante seus encantos.

Será que as famílias no Brasil têm disponível em suas casas (quando elas têm casas) a oportunidade de assistir a um programa cultural diversificado na TV (quando se tem TV), ouvir uma música de qualidade nos programas de rádio (quando se tem rádio), qual é a dança apresentada para o povo? Quais são as formas de movimentos a que assisto, que aprecio e que sentidos possuem? Qualidade que possa ser compreendida como meio para preservação da cultura folclórica do povo.

Para Daolio (1997, p. 53):

O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a

palavra é significativa). Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões.

Enquanto nordestina, fico extremamente “arretada” pela forma com que as manifestações culturais de cada região do Brasil são apresentadas pela mídia.

Considerando o nordeste brasileiro, observo que, em geral, aparecem milhares de sertanejos chegando aos grandes centros, estabelecendo-se em periferias, embaixo das pontes e viadutos; pau-de-arara carregando os miseráveis da seca ou a constante realização de festas durante o ano inteiro. Estas imagens aparecem de preferência com uma música de fundo: Admirável gado novo, do cantor e compositor Zé Ramalho, que diz: *“ê vida de gado, povo marcado, ê, povo feliz...”* No entanto, compreendo as marcas evidentes deste povo, mas pretendo fazer deste fundo musical outras representações, tais como: a força desses guerreiros, que mesmo com a forte presença da seca, da fome, das injustiças, da pobreza buscam fugir da submissão, do conformismo e no dia a dia tentam transformar estas tristes situações.

Acredito na complexidade destas questões e relaciono-as com o universo de diferenças, ideologias que norteiam as características das danças dessa região nordestina. Acredito em inúmeras possibilidades de discussões e interpretações, já que se sabe da existência de tantos e diferentes “eu” e “nós” neste grande país.

Partindo dessas diferenças, procuro compreender o corpo que dança completamente envolvido nas relações existentes em uma sociedade cercada de diversos valores.

Gonçalves (1994, p. 14) afirma que: “Cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social”.

Reforçando o pressuposto anteriormente citado, entendo que é pelo fato de que eu sou o meu próprio corpo dentro de todas as dimensões, portanto, de forma global, que procuro buscar razões para justificar expressões legítimas do ser humano, através da manifestação do pensamento, do sentimento e do

movimento, simbolizando, exteriorizando e interiorizando significados, tatuando marcas ao longo da minha existência.

Para Sampaio (2002), a cultura deve ser compreendida como uma construção social significativa para os seres humanos a partir de suas relações, exige que se considere a diversidade e pluralidade como sua marca fundamental.

Partindo deste referencial, as danças folclóricas podem ser definidas a partir de Portinari (1989, p. 268):

Dança folclórica é aquela produzida espontaneamente numa comunidade com laços culturais em comum resultantes de um longo convívio e troca de experiências; ela funciona como fator de integração celebrando eventos de relevo ou como simples manifestações de vitalidade e regozijo; ela pode absorver influências diversas e, por vezes, até contraditórias [...].

Nanni (2001, p. 75) afirma: “A dança folclórica nada mais é do que o efeito das conseqüências destes impulsos gerados por esforços definidos e causados pelos aspectos funcionais de sentir, pensar e agir de uma comunidade”.

Buscando analisar a relação da dança com os estudos da corporeidade, constato que ao longo dos tempos, percebe-se a constante busca, por parte dos estudiosos, para compreender o sentido do corpo e sua relação com as mais diversas áreas do saber, a sua comunicação com manifestações da natureza, da fé, visando à necessidade de superar a sua pura instrumentalização. A dualidade, a dicotomia e os conhecimentos fragmentados não podem mais explicar e justificar os sentidos dos acontecimentos, como acreditava Descartes.

O paradigma cartesiano apresenta uma visão do mundo de forma objetiva e fragmentada do real. O pensamento de Descartes influenciou e ainda se faz presente nas esferas dos conhecimentos científicos, enfatizando a fragmentação do mundo e do ser humano.

Nos estudos do corpo, Descartes o reduz e o associa a uma máquina, constituída de partes e peças isoladas. Para ele, havia uma separação e uma forte diferença entre o corpo e a alma. As funções e sentidos atribuídos ao corpo

passam a ser compreendidos como, compartimentos, como verdadeiras divisões, determinando o que lhe é próprio e o que pertence à alma, ao espírito.

Silva (2001, p. 14) diz que:

Em Descartes, o corpo humano é do domínio da Natureza: o corpo é puramente corpo, assim como a alma é puramente alma, princípio que autoriza a razão, e a ciência, como sua instituição, a conhecer e dominar o corpo humano, tarefas as quais serão exacerbadas na atualidade. A perspectiva cartesiana, ao separar radicalmente as dimensões corpo e alma, reforça a perspectiva de funcionamento corporal independente da idéia de essência, como uma maquinaria que atua com princípios mecânicos próprios.

O pensamento de Descartes apresenta uma visão reducionista, evidenciando o dualismo, uma concepção mecanicista do ser humano e suas relações. Dessa forma, impossibilita uma compreensão da realidade constituída pelos princípios de totalidade, em que o todo expressa a essência das relações e suas complexidades.

O dualismo, presente no pensamento cartesiano, influenciou e ainda se apresenta na história da Educação Física, através da idéia de corpo como máquina, nas diversas práticas. Corpos – máquinas, capazes de se manipular, adestrar e transformar, diante dos modelos, das normas, padrões e preceitos impostos para o seu “melhor” funcionamento na sociedade, que é caracterizada, no passado, bem como no presente, por uma imposição de “verdadeiros” modelos de corpos e de “ideal” forma de utilização, servil, objeto e alvo do poder.

Os corpos são cultuados e tornam-se capazes de expressar, aliviar e anular as constantes pretensões políticas camufladas pelo poder. Poder este que, através da Educação Física, das diversas práticas corporais, determina o desenvolvimento da civilização e incorpora a educação do corpo como garantia de uma nova ordem para a sociedade.

Foucault (1987, p. 129) diz que: “O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos de poder”.

Nos estudos de Foucault (1987) observa-se que, nos séculos XVII e XVIII, o corpo é totalmente disciplinado, manipulável, treinável, obediente dentro de um poder, de uma sociedade que impõe suas proibições e obrigações e, dessa forma, surgem os corpos dominados, corpos úteis, hábeis, corpos dóceis.

Esses corpos encontram-se na Educação Física, resultando também nos mais diferentes modelos. Cada indivíduo, inserido na sociedade, em cada cultura, possui a sua própria imagem corporal, repleta de características e modelos impostos pelos valores vigentes em cada época historicamente situada.

Entendo que em cada época foi definido um perfil corporal para o ser humano, levando – se em consideração valores exigidos pelo poder dominante.

As práticas corporais eram consideradas capazes de controlar e generalizar as ações das classes sociais. Classes que entendiam, ou mesmo, absorviam as concepções sobre o corpo, como simplesmente de utilidade para o trabalho, defendendo assim, o grande domínio e os interesses da classe dominante de cada época.

A Educação Física, por meio de suas atividades, exigia um corpo com ênfase no rendimento, a perfeição na execução dos movimentos, os acertos e a técnica aperfeiçoada, desconsiderando as capacidades, possibilidades e as diferenças humanas. No seu processo histórico, priorizou uma tendência voltada à biologização e à universalização do corpo humano.

Segundo SOARES (2001), torna-se necessário estabelecer relações científicas, biológicas, sociais, culturais e históricas em torno da temática da corporeidade.

De forma global destaco a importância, no estudo do corpo, do conhecimento da interdependência constante entre os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais, visando a necessidade de mudanças, de transformações no pensar, sentir e viver esse corpo, através das diversas e inúmeras possibilidades construídas nas relações humanas.

Sant'Anna, citado por Soares (2001, p. 3), refere-se ao corpo como:

Território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infindáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida. Verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de subjetividade e de sua fisiologia, mas ao mesmo tempo, escondê-los.

Despertando curiosidades acerca do corpo, entendo a necessidade de uma reflexão frente aos valores atribuídos a ele em uma sociedade cada vez mais exigente, buscando a compreensão da diversidade e da complexidade que norteiam os indivíduos e os acontecimentos.

Partindo destes referenciais, observo a grande importância de transformar as formas de viver o corpo na Educação Física, promovendo assim, reflexões sobre suas possibilidades e condições, já que o passado se caracteriza por questões como o culto aos corpos, impulsionando a atual maneira com que os corpos são criados e apresentados nas mais diferentes esferas da sociedade.

Compreender este corpo é se permitir vivenciar situações que possibilitem uma melhor condição, um mais querer, é buscar algo que proporcione e motive uma melhor comunicação, um melhor viver para a corporeidade, para o ser humano no mundo, que provoque relações com o meio, consigo próprio e com o outro, atentando para os diferentes contextos sociais, políticos, econômicos e culturais que dão funções ao corpo por toda a história, determinando regras, padrões, normas e leis ao longo dos tempos.

MOREIRA (2003, p.149) afirma que:

Corporeidade é incorporar signos, símbolos, prazeres, necessidades, através de atos ousados ou através de recuos necessários sem achar que um nega o outro. É cativar e ser cativado por outros, pelas coisas, pelo mundo numa relação dialógica.

A partir dessa visão de corpo como uma expressão de significados, intenções e principalmente como uma totalidade, é necessário entender e



compreender a corporeidade e sua relação com a Educação, com a Educação Física e, nesta pesquisa especialmente, com as danças folclóricas.

Nesta perspectiva, cito Assmann (1994, p. 75-76):

O assunto corporeidade é tão agudamente relevante para a Educação em geral, para a vida humana e para um futuro humano neste planeta ameaçado, que urge alargar nossa visão para incluir necessidades ainda não suficientemente despertadas, mas que seguramente se manifestarão mais e mais ao ritmo da deterioração da Qualidade de Vida.

Sabe-se da existência de diferentes entendimentos e interpretações sobre a corporeidade, que apresentam diversos temas e idéias na história da Educação Física acerca desta importante expressão humana.

Ao longo da história da Educação Física no Brasil, entre outras áreas de saber, especialmente nos últimos vinte anos, identificam-se diversos estudiosos que investigam e apresentam questões relacionadas ao corpo e à corporeidade como: Wagner Wey Moreira, Silvino Santin, Regis de Moraes, Hugo Assmann, João Batista Freire entre outros importantes nomes.

Sabe-se da importância e principalmente da grande contribuição destes autores para a crescente e incessante busca de novas respostas, novos olhares sobre a capacidade de existir e evoluir como ser humano, através do corpo, da corporeidade.

Para Santin (1987, p. 50):

Todo indivíduo se percebe e se sente como corporeidade. É na corporeidade que o homem se faz presente. A dimensão da corporeidade vivida, significativa e expressiva caracteriza o homem e o distancia dos animais. Todas as realidades humanas são realizadas e visíveis na corporeidade [...]. O ser humano é corporeidade.

A partir das reflexões destes estudiosos, entendendo o ser humano na sua totalidade, na sua intenção de romper paradigmas, dogmas e valores ultrapassados, busco apresentar, através da corporeidade, uma possibilidade, que

se manifesta culturalmente, de expressão de sentidos, de significados, de histórias, de desejos, de crenças: a dança, representação da corporeidade, fruto dos inúmeros significados e intenções de diferentes indivíduos e de uma herança culturalmente diversificada.

A corporeidade, assim como a dança se definirá simplesmente por existir, por ser presente, por relacionar-se com as coisas e com o mundo. E a Educação Física privilegiará esta relação, esta comunicação, evidenciando a sua possibilidade de existência na escola, no clube, nas favelas, nas praças e na rua.

Segundo Moreira (1995, p. 31):

A Educação Física revela toda sua tradição cultural, carrega todos os signos tatuados em sua trajetória histórica, estando, portanto, com seu corpo atravessado por marcas, por estigmas que deverão ser removidos na transcendência epistemológica de novos olhares - conhecimentos.

Verderi (2000, p. 27) afirma que “somos corpos fazedores e transformadores de um mundo, corpos vivos, num tempo e num espaço, experimentando todas as possibilidades emergentes e que nos são de direito”.

Contemplo estes pensamentos e registro a existência e a importância de novos estudos na Educação Física, na relação da corporeidade, da dança na escola visando à necessidade de um melhor entendimento das reflexões e ações, em busca de novos paradigmas para a prática profissional.

Nesta pesquisa, apresento uma dança que enfatiza a história popular, que além dos movimentos, expressa a origem e a formação de povos, a grande miscigenação de etnias presentes nas regiões do país.

A corporeidade está apresentada em forma de dança própria de um povo que concentra no seu cotidiano suas melhores técnicas, técnicas adquiridas pelo trabalho no campo, na roça, em casa e que faz da festa na praça, na rua, ou mesmo na varanda de casa um grande palco, apresenta um enredo, uma coreografia de pura magia, expressando que a verdadeira forma de ser dançarino

é dançando a vida para alcançar um misterioso encanto e um bem viver, e da melhor forma descansar quando lhe chegar o morrer.

Segundo Nóbrega (1999, p. 136)

A dança deriva da corporeidade do dançarino. A lógica da dança, sua configuração, encontra-se na interpretação / criação de movimentos. Para compreendê-la é preciso dançar, pois trata-se de um conhecimento vivencial, envolvendo o corpo, os movimentos e a percepção. A dança está diretamente vinculada ao corpo, sua linguagem é configurada pelo movimento, criando um vocabulário próprio de gestos significativos.

Faz-se necessário pensar novas formas de dançar na Educação Física, desenvolver trabalhos que direcionem uma prática voltada para a participação efetiva dos alunos, em que as regras exigidas acompanhem a necessidade de cada grupo, de cada ser humano envolvido neste belo espetáculo, o belo processo de criar e recriar a partir da sua própria história.

Proponho dançar na Educação Física o folclore brasileiro, nesta pesquisa o folclore sergipano. Dançar e mostrar a grande riqueza da terra, oportunizar um conhecimento global da casa, da rua e principalmente da presença do ser humano neste universo cercado de conflitos e guerras. Dançar, denunciar e repudiar através da corporeidade essas incessantes injustiças sociais, esses indivíduos que desejam o poder e por ele são capazes de matar e morrer.

Como ilustração dessas inquietações que influenciam as apresentações das danças e da vida das pessoas, recorro às simples e sábias palavras do Mestre do grupo investigado nessa pesquisa, que nos seus setenta e sete anos, quando falamos sobre a transformação no universo do folclore, disse: *“E que eu gostaria que todos recordassem como foi que começamos, todas as festas e todos os grupos folclóricos, como Reisado, Chegança, Bacamarteiros, São Gonçalo, Taieiras, Cacumbis e todas as festas, como eram e nascesse essa mesma história, também hoje, a quadrilha, porque não temos hoje mais a quadrilha, nós temos um balé, né? Representando uma festa junina, mas é muito diferente da quadrilha, viu? Então, que nascesse a mesma história do início, para*

*que talvez o mundo se transformasse, nascesse de novo, né? Acabasse essa violência toda, né? E o povo deixar de matar os outros para aprender a viver”.*

Mas também é preciso dançar a beleza desse universo, é necessário celebrar a vida, é justo dançar e brincar a arte de cada povo, arte de ser possuidor de sonhos porque os “sonhos não envelhecem”.

Afinal, parafraseando Marques (1999, p. 35), “fazer arte torna-se tão importante quanto pensar e entender arte”.

Ainda nesse sentido de dançar novas formas na Educação Física, recorro a Dreamer (2003, p. 16), na sua analogia da vida com a dança, para fazer um convite: “Dance comigo no silêncio e no som das pequenas palavras cotidianas, sem que eu me responsabilize no fim do dia por nenhum de nós dois”.

Estes dados compõem a grande possibilidade da relação das danças na Educação Física, com arte, com sentido de construções a partir das adversidades encontradas nos diferentes cantos do mundo.

Cantos, como em Sergipe, no seu “pequeno” e “simples” município de São Cristóvão, onde percebi por diversas vezes a grande manifestação de marcas existentes, formadas e reformadas através da história.

Simões (1998) conclui, em sua tese de doutorado, que “olhar a corporeidade humana através do tempo mostra as tatuagens existentes no corpo esculpidas pela cultura e pela história”.

Neste sentido, reporto-me à dança de São Gonçalo, observada ao longo dessa pesquisa, plenamente repleta de tatuagens, de marcas, em que é possível ver e sentir a existência de pessoas, como o Mestre e seus diferentes dançarinos, expressando através do silêncio, das palavras, dos rodopios e cantos, sua rica e própria existência.

As revelações do cotidiano dessas pessoas são apresentadas de diversas formas e proporcionam as mais diferentes interpretações, as emoções são reveladas em cada gesto, em cada palavra e especialmente em cada ação. Assim é a corporeidade!

Nesse momento recordo as situações que expressavam, aos componentes do grupo, minha curiosidade, encantamento, timidez, surpresa, interesse pela forma de dançar daquelas pessoas, na verdade, pelo jeito de dançar a vida. O olhar envergonhado, o medo de falar algo, para eles, indevido, durantes minhas perguntas e minhas observações, foram constantes e de certa forma influenciaram diretamente as respostas dos entrevistados.

No entanto, eu estava totalmente encantada e por muitos momentos aprendendo muito mais com eles, naquele local, do que nas muitas vezes em que busquei aprender em salas de aulas, com tantos mestres e pessoas de conhecimento da ciência, como se referia o Mestre aos estudiosos.

Reforçando minhas considerações, aproprio-me das palavras de Maneschy (2001, p. 28) para afirmar que:

Ou seja, corporeidade/motricidade é condição de existência, uma vez que é através dela que nos revelamos e nos afirmamos em relação aos outros como sujeitos diferentes. A corporeidade se volta, desse modo, para seu destino de intersubjetividade: é o elo pelo qual podemos nos reconhecer e intercambiar com os outros. É contemplando-a, experienciando-a, tocando-a que se prossegue no jogo da vida; ela é a melhor mediadora de nossas paixões; coloca-se como ponto e/ou superfície de passagem de todas as nossas experiências e emoções.

Dentre tantas experiências, emoções e revelações durante este trabalho, procurando identificar a relação dos estudos da corporeidade com a pesquisa desenvolvida através do folclore sergipano, destaco importantes palavras do Pesquisador 2, estudioso do folclore brasileiro, quando discorre sobre a importância do estudo do folclore em Sergipe e a corporeidade dele e de tantos outros: *“Bem, o sergipano entra aí, como um cenário, um ambiente, que é o meu ambiente. Então, aquilo que me rodeia, que eu vejo com os próprios olhos, que eu sinto, com todos os sentidos e que integra minha própria experiência. No entanto, o que me interessa profundamente é saber dessa relação do povo com o resto do mundo, o povo brasileiro, o povo nordestino, o povo sergipano, com o resto do mundo”*.

Nesse grande universo de percepções, sentidos e significados, é possível observar, nas danças de uma forma geral, a grande capacidade dos seres humanos de transformar ações, gestos em histórias, em ricos personagens.

Para Dantas (1999, p. 17):

Ao dançar, os homens e mulheres não apenas reinventam movimento, tempo e espaço, mas transformam-se em personagens, pois a dança cria um jogo de forças, torna visível no corpo e nos movimentos todo um universo de ações e significados diversos do cotidiano.

Reforçando os pensamentos da autora citada, exemplifico através das palavras do Mestre 2, entrevistado nessa pesquisa, com seus sessenta e oito anos na ocasião da entrevista, na cidade de São Cristóvão, essa relação com a dança: *“Quando eu danço, eu me sinto um rei. Porque eu me sinto, quando parece que estão me olhando, que a gente dança danças antigas, chama atenção, então as pessoas ficam fomentando ali, então, me acham um rei de salão”*.

Na mesma intenção de objetivar os diferentes significados para o dançar, apresento as poucas, mas fortes palavras da dançarina de São Gonçalo e filha do Mestre, de treze anos de idade, Brincante 1, quando perguntei o que ela sentia quando dançava: *“Alegria, né, sinto uma coisa, sabe? Fico com falta, quando estou parada aí começo a dançar”*.

E na mesma dança está a senhora Brincante 2, de setenta e sete anos de idade, que diz: *“Eu sinto alegria, e o que eu sinto, alegria, prazer da minha vida que estou brincando ali, com gente amiga”*.

Assim, a partir de tantos personagens, de tantas passagens, de diferentes épocas vislumbro a imensa relação da corporeidade com as mais ricas manifestações expressivas, entre elas as danças, como possibilidade de ter e ser o que desejo oferecer.

Assmann (1994, p. 101) diz:

Nós somos encadeamento de fases de trânsito, somos constante passagem, somos estruturalmente motricidade, porque somos o que em hebreu se expressa com pessah (páscoa, passagem). Somos histórias e não apenas natureza. Somos duplamente tempo: tempo cronológico, que se mede no relógio (chronos) e tempo único, intenso, existencial (“duração”, durée; kairós, “hora da graça”). Não somos pedras, não somos máquinas, não somos estátuas. Somos energia desatada em movimentos.

Dessa forma, valorizando este tempo vivido, existencial, registro a dança de São Gonçalo como uma explosão de motricidade, de sons e imagens que serão diferentemente observados e compreendidos. Não tive a preocupação de demonstrar a forma como se dança a dança de São Gonçalo, qual é a sua estruturação rítmica e a forma pela qual, graficamente, poderia ser representada. Minha intenção foi registra-la e integrá-la ao grande debate sobre corporeidade, sobre a inclusão das danças e das manifestações folclóricas, como a dança de São Gonçalo, na rica área de Educação Física.

A dança de São Gonçalo aparece para o povo português, para o povo brasileiro e para o povo sergipano como uma expressão de fé, de vivências trazidas por diferentes intenções.

Como educadora e principalmente por acreditar na importância da Educação Física, contemplo e comungo da imensa inquietação do Pesquisador 1 sobre a Educação Física frente às questões da cultura do povo, ao folclore: *“[...] eu acho que se a escola deixar de ser preconceituosa e elitista e abrir as portas para a cultura popular, ela vai ter um material extraordinário e vai contribuir com o crescimento do aluno, mesma coisa, eu penso da universidade, faço críticas terríveis aos cursos de Educação Física”*.

Considerando esses aspectos tratados na relação entre cultura, folclore sergipano e corporeidade, caberia aos professores de Educação Física em Sergipe o envolvimento e o compromisso com novas formas de pensar, sentir e agir na sua prática profissional. Enuncio e acredito nas diversas possibilidades de comunicação da Educação Física e seus ricos conteúdos com a cultura sergipana, com o vasto leque de atividades características do folclore sergipano,

suas relações com o cotidiano de pessoas simples e que são extremamente possuidoras de valores importantes e enriquecedores para os alunos, que merecem um criativo e crítico repertório de atividades.

Justifico estas reflexões baseada nos estudos de Moreira (2003, p.148) quando afirma que:

Corporeidade é buscar transcendência, em todas as formas e possibilidades, quer individualmente, quer coletivamente. Ser mais, é sempre viver a corporeidade, é sempre ir ao encontro do outro, do mundo e de si mesmo. Corporeidade é existencialidade na busca de compromissos com a cidadania, com a liberdade de pensar e de agir, consciente dos limites desse pensar e desse agir.

Haverá, nessa busca de transcendências, diversos olhares, diferentes linguagens e principalmente inúmeros compromissos para se dançar. Garaudy (1980, p. 27), na sua obra *Dançar a Vida*, afirma que:

A vida quotidiana pode ser expressa pela linguagem, mas não os acontecimentos que a transcendem. A dança exprime estas transcendências. O homem dança para falar sobre o que ele honra ou sobre o que o emociona.

Dentre tantas transcendências necessárias para obter uma melhor compreensão de ser e viver a corporeidade busco, através desse movimento inicial na Educação Física Sergipana, através desse trabalho, apresentar reflexões, contribuições e ações que vislumbrem um maior comprometimento com as diversas formas de sentir, pensar e agir nas e com as muitas danças de São Gonçalo, danças apresentadas com ricos e diferentes ritmos, com tantos dançarinos que fazem parte do povo brasileiro, do povo nordestino, do povo sergipano.



**Grupo de São Gonçalo de São Cristóvão**  
**Coordenado pelo Mestre Raimundo Bispo dos Santos**



Foto: Carla Valéria Freitas Góis

## **CAPÍTULO 2**

### **FOLCLORE DO POVO SERGIPANO**

O entendimento do folclore é o primeiro passo para a compreensão do povo em sua dinâmica vivencial, mesclada de um lazer criativo, lúdico e mágico capaz de alimentar esperanças e expectativas e de nutrir sua própria raiz, por força de um uso intra-social que ninguém tem o direito de interferir, mas sim a obrigação de preservar. (Luiz Antônio Barreto)

Percorrer nosso imenso Brasil, através dos seus campos, florestas, rios e mares, é uma grande aventura, cujo desafio é identificar os encantos próprios de cada região, as características peculiares que expressam diferentes existências na rica diversidade cultural.

Geertz (1989, p. 56), na obra *Interpretação das Culturas*, propõe duas idéias acerca da cultura:

A primeira delas é que a cultura é melhor vista não como complexos de padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos – como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam “programas”) – para governar o comportamento. A segunda idéia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento.

Para Geertz (1989, p. 57):

a perspectiva da cultura como “mecanismo de controle” inicia-se com o pressuposto de que o pensamento humano é basicamente tanto social como público – que seu ambiente natural é o pátio familiar, o mercado e a praça da cidade.

Dentro desta perspectiva de cultura está a diversidade que acompanha a formação do povo brasileiro e origina suas várias caras, várias artes, vários corpos que revelam riquezas da mais pura miscigenação étnica, produzindo um sincretismo celebrado no dia a dia desse país cheio de sentidos e intenções.

Geertz (1989, p. 64) mostra que:

Assim como a cultura nos modelou como espécie única – e sem dúvida ainda nos está modelando – assim também ela nos modela como indivíduos separados. É isso o que temos realmente em comum – nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido.

O povo brasileiro celebra, através das músicas, das poesias, das danças e dos diferentes costumes, suas evoluções, seus ritmos, suas cores, suas festas e, dessa forma, crianças, idosos, negros e brancos, pessoas “especiais” de um mesmo país, de uma mesma região, apresentam-se como únicos e diferentes cidadãos.

Para Barreto (1996, p. 26), “o povo brasileiro adotou o sincretismo como método de apreensão do conhecimento. A originalidade da cultura brasileira decorre do sincretismo de todas as influências e vivências”.

Na obra *Sem fé, Sem lei, Sem rei*, o autor sergipano Luiz Antônio Barreto (1996, p. 25) cita que:

O homem brasileiro na história do Novo Mundo é, na esteira do tempo, o homem do paraíso ou da natureza, o índio do romantismo, o negro que o mesmo romantismo tutelou culturalmente, respaldado pelas novas teorias científicas que refugavam os preconceitos, o mestiço suspeito e estigmatizado, e é, também, o homem do conhecimento, da arte sincrética, da cultura e do pensamento, construindo uma perspectiva própria de liberdade de expressão, sem apagar as marcas do passado.

Neste estudo, estes cidadãos serão representados no estado de Sergipe, através de sua cultura, revelando seu cotidiano a partir da manifestação de expressões culturais, próprias desse estado que se situa na região nordeste do Brasil. Sergipe será um canto do grande encanto brasileiro e seu povo será a representação de sua maior riqueza.

Evidencio o folclore sergipano como componente indispensável para o desenvolvimento dessa cultura, partindo de uma forte e rica linguagem popular, de uma combinação de diferentes imagens, sons, palavras, cores, formas, festas, ritmos, danças e canções, promovendo uma dinâmica significativa nesta sociedade, que não esconde suas marcas de miséria, de fome e de uma seca que vem castigando a beleza de tantos corpos, a beleza de tantas vidas, miséria que vem sendo motivo até para dançar, cantar, recitar e assim, buscar melhores condições de vida neste emaranhado de injustiças.

A cultura será abordada como expressão própria do povo que a cria e a transforma. Barreto (1997, p. 58) defende:

A associação da cultura, com todo o seu complexo de expressão, com o povo que a cria. Nada mais que isto: trocar o efêmero da fantasia, pelo definitivo da história: o fazer, o saber e o pensar da gente brasileira.

A partir da caracterização de uma expressiva diversidade cultural, Sergipe revela sua própria existência ao longo da história, produzindo uma comunicação de crenças, tradições, valores e riquezas herdados de diferentes povos que por esse estado passaram.

Povos africanos, portugueses e indígenas contribuíram para o surgimento das diversas manifestações culturais que, ao longo das gerações, foram transmitidas e transformadas em cada localidade de Sergipe.

No estado sergipano encontram-se aspectos dominantes que possuem origem européia que historicamente dominou, política e economicamente, este território, criando e impondo para este povo comportamentos, organizações, costumes e relações de visão com o mundo.

Estas relações podem ser analisadas na existência de festas de caráter religioso e profano. Padroeiros, santos e deuses são homenageados nos rituais, nas danças, nos folguedos, nos costumes, nas cantigas e versos, comemorando e louvando as diversas formas de trabalho, de vida e de fé.

Segundo Barreto (1997, p. 73):

A tese da cultura como bem social refluí sem força, sufocada por uma força maior que impede a organização social dos brasileiros e fantasia uma abstração nacional que mais e mais aliena as massas, os jovens, e frustra os que resistem, cantando e dançando, fazendo caras e corpos de santos e de monstros, cuidando que a madeira, a fibra e o couro tinham utilidade na prática diária da sobrevivência, o barro da terra, feito pote, moringa e enfeite nos móveis toscos das casas, ou no chão das brincadeiras infantis.

Neste grande universo da cultura, especialmente neste estudo da cultura popular sergipana, cito estudiosos como Luiz Antônio Barreto, Aglaé Fontes de Alencar, Beatriz Góis Dantas, Núbia Marques, Terezinha Oliva, Jackson da Silva Lima, José Fernandes de Lima, Hélia Maria de Paula Barreto, Verônica M. Nunes, Fernando Lins de Carvalho, José Paulino da Silva, Carvalho Deda, entre tantos outros, que buscam em suas obras compreender e valorizar as diversas manifestações culturais, enfatizando a sua importância nas diversas esferas de conhecimento e principalmente para registrar na memória de um povo suas inúmeras criações e recriações.

No decorrer desta pesquisa, observei o grande empenho e dedicação destes sergipanos em difundir as diversas formas de abordagens culturais, envolvendo as diferentes áreas de conhecimento, tais como a história, a sociologia, a antropologia, a arte e a educação.

Na área da Educação Física, entendo e atualmente ressalto a importância do estudo da constante relação entre corpo e cultura, especialmente através das possíveis manifestações do folclore, evidenciando uma considerável construção de diferentes corpos, pelas diferentes representações sociais encontradas. Valorizo, dessa forma, uma Educação Física voltada para a criticidade e criatividade, levando em consideração a diversidade do povo brasileiro e suas inúmeras possibilidades de comunicação.

Alencar (1998) nos alerta para a necessidade de a escola abrir a porta para a entrada efetiva da cultura do povo e afirma que o professor ainda não vê a cultura popular como fonte de conhecimento, e muito menos como a função mais significativa da nossa identidade. Ela constata que, ao correr dos anos, trabalhando pela união do folclore com a educação, a escola afasta a criança de uma relação afetuosa e mesmo científica com a cultura popular e assim muitos aspectos do folclore são vistos de forma fugaz, superficial, sem aprofundamento ou mesmo continuidade. Como consequência, o folclore continua sendo algo curioso para quem, em um determinado momento, se concede um espaço para vê-lo, mas não para trabalhá-lo.

Em Sergipe, atualmente, é possível encontrar disciplinas ministradas nas escolas do ensino médio com caráter de conhecimento e valorização da cultura sergipana, visando à participação dos alunos no reconhecimento da sua própria cultura. Ainda assim, é notável a necessidade de um maior avanço neste processo.

Numa conversa com o professor Lindolfo, diretor do Grupo Imbuaça e professor de cultura sergipana no ensino médio, em Sergipe, ele afirmou o seguinte:

*“É, na verdade, o processo educativo deveria ter uma relação maior com o folclore, com esse universo, por quê? Porque o folclore, ele está lá, está lá brincando, desenvolvendo suas atividades, às vezes no final de semana, e a escola é que deveria procurar sair de seus muros e ir atrás de conhecer sua cultura, porque muitas vezes, o que acontece? A história, eu sei a história do Brasil, porque os livros estão lá dentro da escola, e em relação à escola para fora, quer dizer, tudo entra e o que é que sai? Hoje, as escolas começam a ficar mais abertas, mas ainda é pouco, cada ano desaparece um grupo folclórico, eu acho que a relação hoje é essa. Aqui no Imbuaça a gente faz um trabalho com os grupos folclóricos, no mês de agosto a gente faz um projeto Zabumbadores do folclore, que é esse que estamos discutindo agora, e a gente traz grupos folclóricos de diversas regiões do estado para se apresentar e no penúltimo ou último sábado de agosto, aqui no bairro Santo Antônio, faz um cortejo que vai da Colina do Santo Antônio e entra na Rua São João e na Rua São João se apresentam, e aí vêm os estudantes de diversas escolas assistir, mas isso é uma vez no ano, isso deveria acontecer diversas vezes no ano”.*

Reforçando o que está anteriormente registrado, compreendo que é preciso construir na escola, nas aulas, espaços próprios e dignos para o desenvolvimento do estudo da cultura popular do país, promovendo assim, construções de conhecimentos a partir da identidade de cada região, de cada povo. Será importante a ampliação da visão de cultura, de folclore, além do dia 22 de agosto, que ficou estabelecido como o Dia do Folclore.

“Tradições Populares”, “Saber Popular”, “Ciência do Povo” são algumas das dezenas de definições de folclore.

Monica (2001, p. 18) relata que:

A revista The Atheneum publicou, em seu número 982, de 22 de agosto de 1846, a carta de William John Thoms, sob o pseudônimo de Ambrose Merton. Referia-se à palavra folk – lore, por ele criada, explicando as maneiras de pensar, agir e reagir das comunidades, cujo significado passou a ser, a princípio, o objeto da futura ciência.

Ribeiro (1970, p. 27) chama folclore “o conjunto de atividades, de maneira de sentir, pensar e agir das camadas populares de uma região”.

Rezando, cantando, dançando e pintando um mundo de crenças, o povo vai manifestando, através dos seus movimentos, do seu ritmo, de suas intenções de expressar justiça e injustiças, suas diferenças, alegria e prazer na sua forma mais simples de viver. O povo guarda e demonstra variadas formas de expressão. Ouvi sempre que o folclore é o meio mais espetacular de o povo expressar o seu país, sua região, seu estado.

Segundo Barreto (1998, p. 113):

O folclore é um fragmento do cotidiano longínquo, que se vai contextualizando no tecido social, como uma referência. Logo, é uma ferramenta auxiliar da interpretação dos fatos, que em certas circunstâncias mais se equivale a uma chave, que revela ao presente todas as surpresas do passado acumulado.

Dentro do contexto de valorização da cultura popular, do folclore, pode-se citar a realização de um importante evento na área de Folclore e Cultura Sergipana, promovido pelo Museu do Homem Sergipano (MUHSE), dirigido atualmente pela Professora Hélia Maria de Paula Barreto.

É possível observar a presença de vários grupos folclóricos em todo o estado sergipano, os quais, mesmo com a constante falta de apoio, de incentivo e ausência da própria valorização destas manifestações por grande parte da população sergipana, sobrevivem e mantêm-se atuantes.



Registra-se um grande esforço por parte dos grupos folclóricos sergipanos, de seus poucos mestres e de pessoas que continuam lutando de forma isolada para permanecer, ou mesmo conquistar melhores e mais adequados espaços no grande complexo social em que estão inseridos.

Municípios sergipanos, como São Cristóvão, Laranjeiras, Lagarto, Japaratuba, entre outros, revelam e apresentam uma grande variedade de grupos que desenvolvem ricas manifestações folclóricas, como as danças e os folguedos, conseguindo ainda realizar importantes encontros de artes e celebrações festivas.

Em Sergipe são realizadas festas tradicionais de caráter religioso e profano, que atraem milhares de pessoas. Dentre essas festas destacam-se:

- **Festa de Reis** - realizada no município de Laranjeiras.

- **Festa das Cabacinhas** – realizada nos municípios de Japaratuba e Muribeca.

- **Festa do Senhor dos Passos** – realizada em São Cristóvão.

De forma geral, todas essas festas recebem a visita de toda a comunidade que sente muito orgulho e alegria de participar destes momentos de grandes encontros de pessoas cheias de fé, orando, cantando, dançando e que buscam graças desejadas.

Na cidade de Aracaju pode-se encontrar, com grande frequência, a realização de eventos, com “diversas” programações, algumas com grupos folclóricos.

Em contrapartida, vemos a invasão esmagadora de outras culturas, no estado, fato que contribui consideravelmente para o enfraquecimento das raízes musicais, das danças e folguedos sergipanos. É possível, inclusive, ver e sentir os próprios políticos, chefes de departamentos e de outras funções de grande importância na cultura, criarem, divulgarem e difundirem, por exemplo, outras manifestações de cultura, com a realização de grandes e badalados eventos, enquanto os diversos artistas sergipanos aguardam oportunidade para, quem sabe, ter a chance de participar de uma abertura desses shows e eventos. Desejo apresentar fatos que são pertinentes à história dos sergipanos e que

impossibilitam o avanço de tantos artistas da terra, tendo os mesmos que buscar, em outros cantos do Brasil, o seu próprio reconhecimento e valorização.

São feiras, encontros, festivais e celebrações de datas comemorativas do estado, nos quais nota-se, de forma geral, um grande descaso, ou mesmo desconhecimento da história dos grupos folclóricos, dos seus objetivos. É necessário que, de uma forma mais justa, mais digna, os grupos possam se apresentar e divulgar a sua prática social, sua prática diária, como cidadãos.

Ribeiro Junior (1982, p. 48) nos alerta que: “[...] a redenção da festa está na possibilidade de o povo romper com esta dominação, tornando-a um momento de alteridade, de contraste”.

Falta de apoio financeiro, de transporte, de alimentação, entre outros, para apresentações dos grupos nos tais eventos, são questões que retratam, de forma constante um grande descaso, mascarando a originalidade do folclore e ignorando sua importância para o desenvolvimento da cultura local.

Para Barreto (1998, p. 118):

O folclore é um filão rico, tanto quanto a idéia de riqueza fez nascer a cobiça sobre as coisas da terra brasileira. É recorrendo a ele, no entendimento metodológico e científico que ele agrega, que se pode desvendar o Brasil para os brasileiros, o Nordeste para os nordestinos, Sergipe para os sergipanos, o novo para o velho mundo.

Nas ruas, nas praças, nas igrejas, nos palanques e nos becos o povo sergipano dança. Vozes, apitos, aplausos e instrumentos musicais se misturam, formando uma harmoniosa bateria rítmica, em que seus componentes tocam e trocam a energia de simplesmente existirem.

Pais, filhos, netos e bisnetos comungam da mesma experiência durante a realização dos festejos folclóricos deste estado, em diferentes funções, como tocando uma zabumba ou um triângulo, cantando ou dançando, mexendo e remexendo nas suas inúmeras canções.

Mesmo sendo possível ainda observar e admirar a existência dessas festividades folclóricas no estado sergipano, atualmente é com muita preocupação que percebo a grande dificuldade existente para a manutenção, ou mesmo para a continuidade dos grupos folclóricos no estado. São diversos os desta situação, como a idade avançada dos mestres que coordenam os grupos e que naturalmente chegam à morte, e, algumas vezes, com eles chega a morte do próprio grupo ao qual por muitos anos, se dedicaram.

Provavelmente, em tempos passados, um dos filhos dos mestres assumiria a tarefa desempenhada, por tantos anos, por seu pai ou sua mãe. Atualmente, o que se encontra são resistências a essas substituições, visto que para as gerações mais novas o folclore representa, na maioria das vezes, “coisa de velho”, “coisa de pobre”, “coisa de bêbado”, entre outras.

Compreendo a importância dos avanços tecnológicos, dos prósperos rumos que invadem a nossa sociedade, embora critique a forma de assistir à morte de histórias de vida construídas pelo povo e que, mais preocupante ainda, pelo próprio povo são esquecidas e desrespeitadas.

Frente a essas histórias construídas, lembranças de pessoas que possuem a experiência pintada em seus corpos, em suas vestes, em sua maneira simples de ensinar, coisas que já ouvi, mas que não sentia, ou mesmo, não queria sentir, porque não faziam parte do meu jeito de ser e de viver, Mônica (2001, p. 22) diz que:

O fenômeno folclórico está na sua ou na minha casa, nas escolas, nas ruas ou nos escritórios, sempre junto da gente, dentro da gente. Muitas vezes não o compreendemos bem ou nos envergonhamos dele e, por isso, preferimos ignorá-lo.

E assim, nas ruas, nos becos vão cantando e dançando com a pinga na mão, os brincantes sergipanos espalhando um verdadeiro porre de felicidade para aqueles que podem degustar desta bebida, desta dança e desta terra, Sergipe: tão pura de tantas misturas, mesmo assim, tão nossa.

Brandão (1982, p. 12):

Por que dançam noites a fio as pessoas pobres do país, vestidas de farrapos nos dias de trabalho, vestidos de reis nos dias de festas? Por que as pessoas contam e recontam as histórias dos avós e entre si repetem lendas do sertão? Por que criam? Por que cantam? Por que simbolizam? Por que dançam?

Considerando estes questionamentos de Brandão, vale destacar as danças expressivas que formam e enriquecem o universo folclórico sergipano. Dentre elas destaco o Cacumbi, a Chegança, os Bacamarteiros, o Guerreiro, a Dança de São Gonçalo, as Taieiras, os Lambe - sujos e Caboclinhos, os Parafusos e tantas outras manifestações encontradas no estado de Sergipe.

Diante deste panorama de expressões apresento um local que vem sendo, ao longo de sua história, um dos mais importantes palcos para apresentação destas especiais atrações populares, o município de São Cristóvão.

Recorrendo ao texto de Passos (2002), encontrei aspectos históricos, artísticos, culturais e sociais da cidade de São Cristóvão em fontes de Ieda Maria Leal Vilela e Maria José Tenório da Silva, bem como na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.

Segundo Passos (2002), São Cristóvão, cidade que fica a 25 quilômetros de Aracaju, foi a primeira capital de Sergipe e é a quarta cidade mais antiga do Brasil. Sua população é formada por 64.566 habitantes e possui, como atividades econômicas, a agricultura, através do cultivo da banana, laranja, mamão e feijão, a pecuária que desenvolve o trabalho com os bovinos e a piscicultura. Ela foi fundada por Cristóvão de Barros, que esteve na região em 1589, tendo como objetivo conquistar o território de Sergipe. No dia 1º de janeiro de 1590, durante um grande confronto com piratas franceses, Cristóvão de Barros vence a batalha e constrói o forte denominado São Cristóvão, o qual passa a ser a primeira capital do estado sergipano.

Recorrendo à literatura brasileira, Passos (2002, p. 236) cita:

De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, a cidade sofreu sucessivas mudanças até firmar-se no local atual, à margem do Rio Paramopama, afluente do Vaza – Barris. A primeira

transferência deu-se em entre 1595 e 1596, por motivo de segurança contra possíveis ataques dos franceses, que buscavam reconquistar o território do qual foram banidos. E, como conheciam o Cotinguiba, poderiam penetrar e surpreender a povoação num ataque fulminante.

Outro fato importante, segundo Passos (2002), é que no ano de 1607 houve uma nova invasão em Sergipe, dessa vez, dos holandeses, tendo sido o principal local de ataque à cidade de São Cristóvão. O exército luso-brasileiro chega a São Cristóvão e aí fixa o seu quartel general. Sentindo-se em grande desvantagem, abandona em seguida o local e o devasta, colocando fogo no território que fica abandonado, para que as forças inimigas não aproveitassem nada do local. Em 17 de novembro, Maurício de Nassau entra em cena, destruindo ainda mais o que lá havia encontrado. Já em 1647, a Capitania se reintegra ao domínio de Portugal, após os invasores serem totalmente vencidos no ano de 1645. A comarca de Sergipe, no dia oito de julho de 1820, foi elevada à categoria Independente e rompeu todos os laços com a Bahia. É nomeado primeiro governador de Sergipe o brigadeiro Carlos César Burlamarque, que logo foi preso e enviado para Salvador.

Diante de tantos fatos importantes na formação da história deste município, torna-se evidente a grande influência de tantos povos e de sua grande importância nos diversos comportamentos, nas grandes representações que São Cristóvão produziu e ainda traz no seu constante desenvolvimento. Mas a história desta importante cidade brasileira não pára por aí.

Ainda tratando da evolução histórica, novas fontes encontradas em Passos (2002) registram que a Câmara de São Cristóvão aclama, em 1822, D. Pedro I como príncipe regente do Brasil. São Cristóvão, deixa de ser a capital de Sergipe, em 1855, quando foi transferida para a cidade de Aracaju, a capital, cidade criada exclusivamente com este objetivo. A partir de 1910, São Cristóvão ressurgiu, com suas terras ricas e férteis e com uma posição privilegiada às margens do rio com excelentes possibilidades de navegação. É instalada, neste mesmo período, uma grande fábrica de tecidos durante o ano de 1911. E em 1913 chegam os trilhos da Viação Férrea Federal Leste Brasileiro, ligando a

cidade de São Cristóvão a Aracaju e Salvador. Dessa forma, a população vai crescendo e se desenvolvendo, novas e grandes fábricas vão surgindo no interior do estado.

Estes dados compõem um pouco da história da quarta cidade mais antiga do Brasil e que é tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional desde 1939, representando o seu desenvolvimento através do modelo de urbanização português. Possui características como ser cidade com dois planos, os quais compreendem a cidade alta e a cidade baixa. A cidade alta apresenta poder religioso e civil, já a cidade baixa apresenta fábricas, o porto e a população de baixa renda. O centro histórico da cidade está concentrado na Praça São Francisco, onde fica a maioria dos monumentos históricos. É possível observar, e principalmente admirar, a forte e bela presença do barroco nas igrejas, nos conventos, nos antigos palácios e nos museus construídos no século XVII.

Atualmente, vejo São Cristóvão repleta de encantos históricos, ricas paisagens naturais, mas constato que não há uma política turística capaz de aproveitar tais fatos para elevar esta cidade de grande importância para a memória nacional.

Em diversas visitas durante o ano de 2002 ao município de São Cristóvão, tive a oportunidade de conhecer e conviver na Casa do Folclore Zeca de Norberto, a qual tem como coordenadora Maria Glória, uma sergipana completamente apaixonada, tanto quanto saudosa de grandes momentos de “glória” vividos e apresentados pelo povo neste município, principalmente em relação à existência de grandes manifestações folclóricas.

A Casa do Folclore Zeca de Norberto está funcionando com o objetivo de apresentar as pessoas às variadas formas de folclore existentes no estado de Sergipe e principalmente busca resgatar e registrar fatos e acontecimentos que preservem a história viva da comunidade de São Cristóvão, construída, formada e transformada ao longo dos anos por diferentes grupos que lá se fixaram, assim como pela própria comunidade do município.

É com muita indignação que percebo a grande insuficiência de recursos para uma digna manutenção desta pequena e tão importante entidade, a grande

dificuldade de aglutinação de materiais, projetos, e mesmo pessoas que visam contribuir com este rico sonho de uma guerreira, Maria Glória, que passa seus dias lutando e pedindo “um pouquinho aqui” e “um pouquinho ali” para que os poucos grupos que ainda existem, naquela comunidade, possam aparecer de alguma forma, no que mais gostam de fazer: brincar, ou seja, dançar a sua brincadeira. Os brincantes do folclore se referem às danças como brincadeiras, por isso expressam vamos brincar ou mesmo vamos dançar na brincadeira. Essas expressões estão presentes durante essa pesquisa.

Ao se referir ao folclore, Maria Glória afirma que, para ela, é a razão de estar viva; é pura pulsação e pura energia. Registra que a importância do estudo do folclore está na capacidade de as pessoas conhecerem suas origens e ilustra seu depoimento expressando-se assim: *“minha filha já é uma pessoa que tem uma certa identidade, a minha filha hoje dança em uma academia de balé moderno, aprende a dançar balé, lindo, maravilhoso, mas ela sabe de onde ela veio, então quem ela é? Ela é do reisado, ela é da chegança, ela é do caboclinho, ela é da África, ela é de Portugal, ela é uma mistura, nós somos uma mistura de raça e de povos”*.

Para esta amante do folclore sergipano, o que motiva a existência dos grupos folclóricos *“é pura ilusão, é a magia, é a fantasia, eu acho que é a fantasia deles em ainda insistirem em continuar, em colocar um sobrinho, em colocar um filho, o neto, isso aí termina dando certo, termina que eles fazem, mas muita gente também nem sabe o que está fazendo, muita gente faz por diversão sem conhecer, infelizmente”*, afirma Glória.

Durante tempos de conversas em nossos encontros, era possível observar a intensa necessidade que a Casa do Folclore, através de sua coordenadora, apresentava sobre o trabalho desenvolvido em São Cristóvão por longos períodos históricos do passado e o desejo que, de alguma maneira, ele renascesse de forma concreta, veloz, e assim, para este município, para estas pessoas, o folclore estaria renascendo com toda sua rica e bela história que para tantos, está totalmente apagada ou é desconhecida.

Durante as diversas conversas que travei com a Maria da Glória, descobri de que ela gosta e o que desejaria transformar no seu trabalho com o folclore:

*“Eu desejo que as pessoas se sensibilizem, eu desejo que pessoas, estudiosos como você, pessoas que nos procuram, pessoas que têm interesse, é desejo que essas pessoas se multipliquem, estudiosos se multipliquem, que as pessoas olhem um pouco para trás, para ver o que há de lindo, o que há de mais belo são nossos grupos aqui em São Cristóvão, que estão se acabando infelizmente, desejo que pessoas venham trabalhar comigo, que eu consiga pessoas que se juntem com meu trabalho, para que nós possamos resgatar o que acabou e quem sabe se a gente não faz um trabalho de olhar assim na cidade e vê os grupos se apresentando em dias, noites de natal, em dia de reis, que são os dias das danças do reisado e da chegança. Eu desejaria transformar o município de São Cristóvão, com os grupos todos arrumados, com as roupas todas novas, cada grupo, com duas indumentárias, todos os instrumentos novos, todos inclusive com um transporte para que eles possam divulgar esse trabalho lá fora, viajando e que eles possam viver a coisa mesmo com eles aqui na cidade, que eles não podem viver, porque eles saem para se apresentar, ganham um cachê simbólico de cento e cinquenta reais ou duzentos reais, pra dividir entre vinte, vinte e cinco, trinta componentes, então ficam três ou quatro reais para cada componente do grupo, e aí é impraticável. O que eu mais gosto é de ouvir as músicas, elas me fascinam, gosto de ouvi-los cantar, eu gosto demais, os instrumentos de percussão, a própria composição, a maneira como eles tratam, como eles colocam, por exemplo, existe uma ciranda que eles tocam na caceteira que eles dão outro ritmo, um ritmo totalmente com um bumbo, fica um ritmo muito forte, é quando eles cantam aquela música que é da minha infância, “meu limão, meu limoeiro, meu pé de jacarandá, uma vez sindolêlê, outra vez sindolálá, meu limão, meu limoeiro, meu pé de jacarandá, uma vez sindolêlê, outra vez sindolálá”. A gente chora porque se lembra do ritmo da música e também porque em como isso traz lembrança da nossa infância, do tempo que a gente brincava e não sabia que no futuro ia ouvir esse ritmo, ia ouvir essa letra num outro ritmo com outras pessoas, e isso é muito emocionante. Não tem como não chorar, né?”*



É importante registrar, que neste momento da conversa, a Maria Glória se emociona e ao cantar chora, transformando a magia de suas lembranças em uma verdadeira realidade para aquele ambiente e isso mais tarde me fez refletir e sentir a força de suas palavras e canções.

Este momento apresentou relações fortes com o trabalho que busco entender e apresentar nesta pesquisa, reforçando a minha idéia de realmente compreender mais a raiz, a origem, a história, o folclore do povo sergipano que tem importância para ser divulgado, para ser resguardado.

Também com a Maria Glória, tive o grande prazer e o privilégio de conhecer e conviver, embora por esses poucos, mas inesquecíveis momentos, com o Senhor Mestre Raimundo Bispo dos Santos e seu povo em São Cristóvão.

Recordo esses encontros em sua simples mas aconchegante casa, quando tive a oportunidade de colher, aprender e apreender alguns dados que enriqueceram a minha investigação sobre o tema estudado.

As lágrimas, as emoções foram constantes companheiras nestes momentos, como também uma vontade de saber mais, de entender essa magia, esta inexplicável arte que sobrevive com tão poucas condições e que vence qualquer que seja o desafio apresentado pela própria vida, ou mesmo, pelas próprias pessoas, até mesmo o desafio de viver. Assim é a apresentação do folclore para Mestre Raimundo, para seu povo e para tantos outros povos no Brasil e no mundo.

Mestre Raimundo nasceu em 09 de novembro de 1925, reside em São Cristóvão, coordena, acredita e dedica parte de seus momentos de vida a manifestações folclóricas em São Cristóvão, especialmente ao seu grupo, composto por vários familiares e fiéis amigos. Desenvolve seus trabalhos sempre com apresentações de Bacamarteiros e Dança de São Gonçalo.

O grupo do Mestre Raimundo de São Cristóvão foi escolhido para a realização desta pesquisa e, a partir de depoimentos de pessoas que integram este grupo de folclore, busco apresentar e dialogar com estudiosos sobre o tema folclore em diversas esferas de conhecimento, tais como, escolas, universidades.

O estudo deste grupo privilegia características apresentadas por ele e tem como base observações realizadas pela autora desta pesquisa, a partir de visitas e de encontros durante ensaios e do próprio dia a dia com o mestre do grupo, durante o mês de agosto no ano de 2002, no estado de Sergipe, especialmente no município de São Cristóvão, local de origem do grupo. No próximo capítulo será possível conhecer esse grupo e sua relação com o folclore sergipano, através da Dança de São Gonçalo.

**Maria Glória Santos**

**Coordenadora da Casa de Folclore Zeca de Norberto**

**(São Cristóvão – Sergipe)**



Foto: Carla Valéria Freitas Gois

Foto: Carla Valéria Freitas Gois

Foto: Arquivo da Casa do Folclore Zeca de Noberto, SE

## **CAPÍTULO 3**

### **A DANÇA DE SÃO GONÇALO: Ver e Sentir**

Não há povo sem dança.  
(Maribel Portinari)

Dance comigo no silêncio e no som das pequenas palavras cotidianas, sem que eu me responsabilize no fim do dia por nenhum de nós dois.

(Oria Dreamer)

Nesta pesquisa apresento, na forma descritiva, a dança de São Gonçalo, contextualizada como possibilidade de expressão do ser humano em uma determinada cultura, valorizando a sua origem e a sua história.

O estudo da dança de São Gonçalo teve como base observações realizadas a partir do ano de 1999, no estado de Sergipe, durante a realização de festejos folclóricos, apresentações diversas em datas festivas da cidade de Aracaju.

Objetivo dar uma visão da dança de São Gonçalo, praticada na forma própria de devoção, ressaltando desde já que há diferenças deste para outros grupos de São Gonçalo em Sergipe e em todo o Brasil. A Dança de São Gonçalo está presente em diversos estados brasileiros, e sofre transformações em vários aspectos, em cada localidade onde se brinca, se dança. No próprio estado sergipano, sabe-se da existência de uma grande diferença entre grupos desta mesma manifestação. Todos têm particularidades, características próprias e autonomia nas suas representações.

Pretendo enfatizar aspectos que proporcionam uma melhor compreensão da dança, do seu cantar e especialmente das origens da história de São Gonçalo, buscando analisar e refletir sobre a importância da valorização desta manifestação para o desenvolvimento das aulas de Educação Física nas escolas.

Existe uma grande carência de referências bibliográficas, diria mesmo uma insuficiência total sobre esta apresentação folclórica no município de São Cristóvão. Vale também salientar o meu interesse por esta dança, por este grupo, decorrente da importância deste município sergipano no grande celeiro cultural do nordeste e do Brasil.

Em seu artigo *São Gonçalo em Sergipe: Um ligeiro registro*, Barreto (1976, 35) cita:

Talvez o registro mais antigo do culto a São Gonçalo esteja nos vilancicos dos séculos XVII e XVIII, cantados nas igrejas de

Portugal. As coplas de amor e louvação eram repetidas pelo coro fiel e devotado, seguidamente. Do Santo, a lenda é forte e rica. Diz da proteção que dava aos abandonados da cidade, especialmente as velhas e viúvas. [...] São Gonçalo e Santo Antônio vieram ao Brasil trazidos, naturalmente pelos colonos portugueses. Ambos tinham um ponto de referência em comum: protegiam as mulheres. Pouco a pouco foram nascendo as diferenças, até que cada um assumia a sua posição dentro da cultura nacional já formada. Santo Antônio seria o santo casamenteiro das moças, São Gonçalo o das velhas. O primeiro ficara na cidade, São Gonçalo iria para o campo. Nas manifestações populares Santo Antônio ligara-se aos festejos juninos e São Gonçalo, variando de data, tinha seu ponto alto de louvação e culto na Festa de Reis, encerrando o ciclo natalino. São Gonçalo, que antes merecera pudicos vilancicos, passara, no Brasil, a um baile em que os festeiros cantam, dançam e se embriagam em frente à imagem do santo protetor dos violeiros. Do sacro ao profano, a transformação foi registrada em várias partes do Brasil.

A Dança de São Gonçalo possui origem portuguesa e está presente no Brasil desde o século XVIII, representando os valores religiosos do catolicismo rural do Brasil. Ela era dançada, no início dos tempos, no interior das Igrejas e possuía o objetivo de pagamento de promessas. Após ter sido expulsa da Igreja, a Dança de São Gonçalo permaneceu nas zonas rurais e atualmente ainda existe com um caráter de devoção (ALENCAR, 1998).

Segundo Alencar (1998, p. 176):

Foi frade dominicano tendo vivido na cidade de Amarante lá pelos idos do século XIII [...] muito alegre, tocava viola e dançava. Um dia, conhecendo algumas mulheres que eram prostitutas, teve pena delas e quis ajudá-las a mudar de vida e não pecar. Para tal inventou dançar com as mulheres para que esquecessem a vida que levavam.[...] por isso ele foi considerado como um Santo. E

em seu louvor se repete a dança até hoje. Consta também que São Gonçalo foi marinheiro.

Partirei de depoimentos do Mestre que reside em São Cristóvão e que há muito tempo coordena e produz o folclore sergipano, sobre as características gerais e principalmente a história desta dança no universo folclórico. Não possuo o objetivo de descrever e ensinar a maneira de se dançar o São Gonçalo, mas sim de registrar e valorizar as inúmeras relações, histórias de fé e devoção contidas neste brincar.

Para o Mestre (2002):

*“O São Gonçalo, para mim, ela é uma dança religiosa e eu tenho sempre um privilégio grande por essa festa, porque hoje ela se transforma em vários estilos, né? Todo mundo sabe que o folgado São Gonçalo se transforma em vários estilos. Agora, o meu estilo, que eu tenho ele, e realmente como eu escuto, segundo a sua história, que ele foi protetor da mulher solteira, casamenteiro das velhas, ele sempre foi uma pessoa muito ligada à religião, ele sempre queria trazer o povo para fora daquela sem-vergonhice, ele realmente ataiava aquelas mulheres solteiras, para não ir para o meio da prostituição, ele não queria ver aquilo, né? Então, São Gonçalo foi esse homem, segundo diz a sua história e eu botei isso na minha memória, então, em memória dele, eu fiz essa festinha que canto e danço em memória a ele”.*<sup>1</sup>

No decorrer da coleta de dados no município de São Cristóvão, em conversas entre a pesquisadora e o Mestre deste Grupo de São Gonçalo, foi possível perceber a preocupação deste homem com as transformações ocorridas no folclore sergipano.

O grupo observado dança com o objetivo de simplesmente cantar, dançar e louvar a vida do santo. Para o responsável do grupo, São Gonçalo era protetor de mulheres solteiras, casamenteiro de velhas, serviu até de parteira, foi marinheiro, tocador de viola, pagador de promessa. Ele foi um rapaz jovem, namorador, bonito que fazia aquelas festas naqueles povoados, ataiando

---

<sup>1</sup> Carneiro apud Alencar (1998, p. 43): “Todo folgado está associado a um conjunto de costumes religiosos e profanos”.

(cercando) aquelas mulheres para não irem para a prostituição, e ali fazia a festa, amanhecia o dia, tocando viola com aquelas prostitutas, com aquele povo todo. Foi namorador, donzelo, não tinha preconceito, era velho, moço, menino, criança, todos brincavam junto com ele. Para o Mestre essa história é verídica e é ela que o impulsiona para continuar desenvolvendo sua relação com a dança de São Gonçalo.

Em palavras proferidas pelo mestre, noto a preocupação com as diferenças e principalmente com a devoção e com o respeito ao santo homenageado por outros grupos de São Gonçalo. Aqui vale salientar que não tenho a preocupação de apresentar, definir e divulgar se existe a forma certa ou errada de entender esta manifestação, afinal, apropriado – me das palavras de Dreamer (2003,p.17) para compreender que “nossa capacidade de viver de uma maneira coerente com o nosso ardente desejo – nossa habilidade de dançar – depende do que acreditamos que devemos fazer”.

O Mestre (2002) diz:

*“O São Gonçalo, como tem vários lugares que brinca o São Gonçalo, muito bonito, muito ligeiro, danças velozes, mas não era aquele folguedo de São Gonçalo, ele não se vestia de mulher, ele não brincou assim, tipo xangozeiro, ele foi um homem muito simples, ele foi católico, por sinal, São Gonçalo, depois que abandonou, que foi chegando a idade dele, ele foi seminarista, foi padre, morreu como frade em Lisboa. Essa história de São Gonçalo está no céu, né? Ele morreu como frade, não como xangozeiro, porque no início da festa dele, segundo sua história, que é verdadeira, essa história, quando aparecia no Brasil esse folguedo de São Gonçalo trazendo esta linda história com essa força desse homem muito intelectual, muito amoroso, muito cheio de fé em Deus, então, os homens aproveitaram e fizeram dele um santo forte e protetor, quiseram ganhar até dinheiro fazendo coisa, que era ensaiado no fundo das igrejas, mas eles transformavam, eles botavam careta forte que até assombrava até as crianças, e fazia aquela coisa, os padres vendo aquilo, expulsou da igreja. Hoje São Gonçalo não pode mais ser da igreja, porque ele transformou, mas ele faz parte do*



*catolicismo, é essa história de São Gonçalo do Amarante, que eu conheço, né? Eu brinco em memória a essa história”.*

Por todo Brasil, assim como em Portugal, há diversas maneiras de entender e divulgar a dança de São Gonçalo, partindo principalmente das relações construídas pela fé das pessoas nas promessas e especialmente na expectativa de todos por seus ensinamentos.

É possível encontrar pessoas ligadas ao folclore que freqüentam espaços em Portugal, local de origem do São Gonçalo. Para os portugueses, os ranchos do folclore trazem histórias de São Gonçalo, mas, de certa forma, não se apresentam com tanta relação com outras danças, especialmente apresentadas aqui no Brasil.

Observei que no Brasil há uma diversidade muito presente em seus estados e a divulgação e a preocupação com a história de São Gonçalo são bem mais evidentes. A localidade de Amarante, em Portugal, por exemplo, designa um período próprio para apresentação de grupos e mesmo de festejos do folclore. Já no Brasil, é possível encontrar, a qualquer momento e em qualquer local que possui esta representação popular, apresentações deste caráter, lembrando também que há datas com maior projeção para estas celebrações.

Em São Cristóvão, o grupo de São Gonçalo louva o santo, dança em apresentações religiosas e folclóricas no município, bem como na capital e em outros municípios sergipanos. Mulheres e homens participam na mesma dança com roupas brancas, faixas amarelas e vermelhas, quepes brancos e o Mestre possui sua roupa branca caracterizando um marinheiro. Os instrumentos musicais encontrados neste grupo são: viola, pandeiro, zabumba, caixa e ganzá.

O grupo de São Cristóvão dança ao ritmo de diversos cantos do repertório folclórico. Pode-se encontrar com mais ênfase no grupo o canto que traz uma batucada ritmicamente expressiva, e na apresentação do grupo o Mestre desenvolve a dança através de comando de apito, de vozes, de palmas e de outros diversos toques que elevam o ritmo das movimentações.

Durante ensaio do grupo percebi um grande envolvimento do Mestre com os movimentos executados, ele possui uma determinação de batidas de pés e rodopios com muita velocidade, agilidade e especialmente com uma grande coordenação bela de se admirar. Não há uma preocupação de padronizar movimentos, embora os componentes do grupo evidenciem uma harmonia contínua entre canto movimento e apresentem variações de formações constantemente. Os movimentos são simples, expressam uma grande soltura dos membros inferiores, um trabalho de quadril bem livre e um rebolado bem especial. A música é cantada por todos os componentes do grupo e há diversas formas de imaginar, de ver e de sentir as emoções naquelas diferentes vozes.

Com o grupo, especialmente com o Mestre, busquei observar e desenvolver formas de encadear ritmos, movimentos, músicas dentre tantos importantes aspectos incorporados nas danças.

É importante perceber que, no âmbito das manifestações folclóricas, o ritmo e suas variações podem desenvolver nos participantes a compreensão de sua melhor capacidade de movimentar-se, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona, de que forma o conforto é mais acessível em determinadas execuções. Porém, o ritmo de cada indivíduo deve ser respeitado e enfatizado, para que este possa usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade.

Partindo do ritmo individual, relações são freqüentemente estabelecidas para que ocorra integração e comunicação com todo o grupo, por meio de gestos e de movimentos, objetivando alcançar o ritmo coletivo, já que geralmente, em uma coreografia, existe a necessidade de movimentos ordenados no tempo e no espaço.

Dentro deste contexto, analiso a importância e a necessidade de reconhecimento dos limites individuais e a importância da afetividade construída durante as atividades dos grupos, pois, se valorizo cada evolução de movimento individual, poderei alcançar uma maior produção coletiva. A valorização do ritmo individual é importante para o indivíduo, na medida em que ele se sente valorizado no seu empenho pessoal e como produtor do processo de

aprendizagem, de conhecimento a partir de escolhas e vivências pessoais. No entanto, não se deve perder de vista a aplicabilidade das aquisições individuais no contexto coletivo.

Diante de tantos elementos importantes na existência das danças folclóricas, reforço o sentido de Ver e Sentir, proposto neste capítulo, referenciando Maneschy (2002, p. 51) quando afirma que:

Por outro lado, ou com outro olhar, o folclore deve ser concebido como “Uma novidade que sempre se preserva”, ou seja, o folclore perdura, dura, e aquilo que nele em um momento se recria, em um outro precisa ser consagrado, precisa ser incorporado aos costumes e experiências de uma comunidade.

A citação provoca em mim deliciosas lembranças e principalmente uma grande convicção de ter visto e sentido, por diversas vezes, a magia de cada palavra, de cada gesto do São Gonçalo apresentado pelo grupo investigado, pelo valor do ser humano, que a forma encantadora como fui apresentada ao Mestre, o qual me oportunizou a busca de novas reflexões acerca da importância desta rica área de conhecimento, o folclore, e viabilizar de alguma maneira uma comunicação dele com a área de Educação Física, especialmente com as danças apresentadas nas escolas.

Exemplifico, na área da Educação Física, a grande contribuição do folclore para o desenvolvimento da Ginástica Geral (GG).

Para Ayoub, (2003, p. 94):

Ao considerarmos a ginástica geral como algo a ser demonstrado, devemos estar atentos para que ela não seja vista apenas como um “produto”, desconectada de um processo. Ao contrário, essa perspectiva de demonstração da ginástica geral precisa ser tratada como parte integrante do processo educativo da GG na educação física escolar. Mais ainda: no processo de elaboração de uma composição coreográfica, devem ser privilegiadas as experiências e interesses dos alunos e o trabalho em grupo, estimulando a cooperação, a capacidade de ação e a

autonomia dos educandos como sujeitos, buscando novas interpretações, novas leituras, novas significações antes desconhecidas.<sup>2</sup>

A autora Eliana Ayoub apresenta em sua obra *Ginástica Geral e Educação Física Escolar* possibilidades de ações nas manifestações da ginástica, enriquecendo assim esse leque de atividades para as aulas de educação física, viabilizando, dessa forma, novas relações, novas comunicações do movimento e a cultura de cada aluno.

O folclore pode contribuir com a sua essência, com sua riqueza de manifestações corporais, mesmo que de forma estilizada, durante as aulas de educação física para esse novo processo educativo da GG e conseqüentemente da educação física escolar.

Nesta perspectiva, pretendi apresentar aos professores, aos pesquisadores, aos poetas, aos músicos, aos dançarinos, aos cientistas, um canto, um encanto, uma dança em uma rua, em um município sergipano que está carregado de mistérios, com uma enorme riqueza a ser explorada.

Como ilustração deste final de capítulo, recorri às palavras de Alves (1994, p. 16) para afirmar que:

Alguns parecem pequenos, e moram nas coisas simples do cotidiano. E nisto o cientista tem algo que o liga ao poeta. Porque um poeta é isto, alguém que consegue ver beleza em coisa que todo mundo pensa ser boba e sem sentido... O cientista é a pessoa que é capaz de ver, nas coisas insignificantes, grandes enigmas a serem desvendados, e o seu mundo se enche de mistérios. Moram em nós mesmos, nos gestos que fazemos, nas

---

<sup>2</sup> Ayoub (2003) cita: A *Ginástica Geral* compreende a esfera da ginástica orientada para o lazer e engloba programas de atividades no campo da ginástica (com e sem aparelhos), dança e jogos, conforme as preferências nacionais e culturais. FIG (1998)

doenças que temos, em nossos sonhos e pesadelos, ódios e amores; na nossa casa, no jardim, pela rua...

Acredito que, através da simplicidade das coisas e das pessoas, devo buscar viver momentos inesquecíveis, assim como este que vi, vivi e senti ao lado do simples Mestre e do seu povo, na simples dança de São Gonçalo, dança que a muitos o Mestre ainda há de ensinar.

**Grupo de São Gonçalo**

**São Cristóvão - Sergipe**



Foto: Arquivo da Casa de Folclore Zeca de Norberto – São Cristóvão.

## **3.1 Pesquisando o Sergipano Que Dança**

### **3.1.1 Fundamentação da Pesquisa**

Neste capítulo, objetivo apresentar o caminho que percorri indicando a metodologia utilizada durante a pesquisa. A presente dissertação caracteriza-se como pesquisa de abordagem qualitativa. Segundo Ludke e André, (1986, p. 3):

É igualmente importante lembrar que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Claro está que o pesquisador, como membro de um determinado tempo e de uma específica sociedade, irá refletir em seu trabalho de pesquisa os valores, os princípios considerados importantes naquela sociedade, naquela época. Assim, a sua visão do mundo, os pontos de partida, os fundamentos para a compreensão e explicação desse mundo irão influenciar a maneira como ele propõe suas pesquisas ou, em outras palavras, os pressupostos que orientam seu pensamento vão também nortear sua abordagem de pesquisa.

Optei por esse tipo de pesquisa, acreditando ser ela a mais adequada para a proposta do trabalho, bem como por compreender a importância de explorar e descrever os fatos com base nas observações realizadas durante as entrevistas e no referencial teórico.

O registro destes fatos não é gratuito. Possuo o objetivo de os preservar, bem como salvaguardar o sistema de relações mantido entre a comunidade estudada em uma determinada época. Neste caso, tenho uma preocupação com o mundo, com a vida sob o olhar da dança, da corporeidade, da festa e do divertimento e sua possível relação e contribuição no universo da Educação Física.

Neste sentido arrisco afirmar que resgates que buscam a valorização de fatos do passado podem contribuir para a trajetória de reconstrução de identidades de grupos nos dias atuais.

Dessa forma, a partir da história de vida das pessoas envolvidas nesta manifestação pesquisada, permito dar de volta a palavra a quem, durante muitos anos, não tinha ou tinha poucos canais de comunicação para expressar sua própria experiência humana.

### **3.1.2 Instrumentos Utilizados**

No momento inicial deste trabalho, elaborei uma pesquisa bibliográfica sobre o folclore sergipano, a dança de São Gonçalo e a corporeidade. Após realizar a pesquisa bibliográfica dos temas para estudo, utilizei a pesquisa de campo e para esta fiz uso do recurso técnico de coleta de dados, a qual foi determinada pela entrevista semi – estruturada, com questionamentos elaborados a partir de temas pertinentes ao caso em estudo. As entrevistas foram desenvolvidas sob a forma de conversas informais, gravadas em fita cassete posteriormente transcritas. As questões geradoras da entrevista não foram as mesmas para todos os pesquisadores, brincantes e mestres do folclore sergipano.

Para Ludke e André, (1986, p. 34) :

Como se realiza cada vez de maneira exclusiva, seja com indivíduos ou com grupos, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado.



Por conta disso, acredito que o recurso utilizado é o mais indicado para esse estudo, afinal, o que pretendo, através das trocas entre pesquisador e pesquisado é um diálogo que flua livremente, sem nenhum padrão fixo, de modo que as informações sejam livremente expressas. “[...] a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde”. (LUDCKE e ANDRÉ, 1986, p. 32)

As entrevistas foram desenvolvidas com observações realizadas pela pesquisadora durante os encontros com os sujeitos participantes.

Ludke e André, (1986, p. 35) dizem que:

Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado. Essa estimulação não deve, entretanto, forçar o rumo das respostas para determinada direção. Deve apenas garantir um clima de confiança, para que o informante se sinta à vontade para se expressar livremente.

O processo de observação das entrevistas envolveu dois momentos: um momento de observação descritiva, compreendendo o registro sobre a descrição dos sujeitos, do local, das atividades que exerciam, do comportamento do pesquisado e a reconstrução de diálogos. O segundo momento compreendeu a observação reflexiva, composta por impressões, pré-concepções e decepções do pesquisador. (LUDCKE e ANDRÉ, 1986)

### **3.1.3 Processo de Observação**

As entrevistas foram realizadas no período entre dezenove de julho e doze de agosto de 2002. As mesmas foram realizadas na cidade de Aracaju e no

município sergipano de São Cristóvão, e aconteceram nas residências ou nos locais de trabalho dos entrevistados, de acordo com o seu tempo disponível. O roteiro das entrevistas, em anexo, pretendeu saber qual é a relação destes indivíduos com o folclore sergipano.

Os relatos foram apresentados por pessoas que representam estudiosos do folclore sergipano, pelos “Pesquisadores”, pelos dançarinos do São Gonçalo em São Cristóvão, pelos “Brincantes” e pelos Mestres do folclore em São Cristóvão, sendo estes últimos pessoas que contribuem para a existência das manifestações folclóricas no estado de Sergipe.

A população investigada, a que tem relação com as manifestações folclóricas de Sergipe, constituiu-se inicialmente de treze pessoas, sendo nove pesquisadores, dois brincantes e dois mestres. No decorrer da pesquisa, o número de pesquisadores reduziu-se a dois, pois, dessa forma haveria um equilíbrio entre o número de brincantes e o de mestres. Vale salientar que a escolha dos dois pesquisadores para a apresentação final da pesquisa aconteceu pela contribuição dos mesmos na literatura do folclore, com publicações diversas. Na composição da população não foi possível obter um maior número de brincantes e mestres na cidade de São Cristóvão, por falta de disponibilidade dos brincantes do grupo e pela inexistência de Mestres na cidade investigada.

Dessa forma, para essa pesquisa foram entrevistadas seis pessoas, sendo 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino, da faixa etária de doze aos setenta e oito anos, que passaram sua infância ou alguma fase da vida residindo no estado de Sergipe.

Para a composição da amostra, na coleta de dados, utilizei pessoas que se dispuseram a dar seu depoimento, sendo que as mesmas foram selecionadas e contatadas pela pesquisadora preliminarmente e o critério fundamental residiu no fato de que estas pessoas desenvolvem no seu cotidiano alguma relação com o folclore sergipano.

Os participantes deste estudo possuem escolaridade em diferentes níveis. Acredito que estes informantes possuem vários elementos que podem contribuir para a preservação da memória social no âmbito das manifestações

folclóricas do estado de Sergipe, além de constituírem excelente fonte de conhecimento das tradições, das histórias de um povo que podem ser relacionadas com a literatura existente na área de Educação Física, como a corporeidade e as danças folclóricas.

Portanto, através dos discursos específicos dos pesquisados, pude apreender conteúdos de uma comunidade, uma coletividade e, principalmente, transformar em registro pressupostos teóricos para relacionar com a temática em estudo.

### **3.1.4 Observação dos Sujeitos**

**Pesquisador 1** – O pesquisador 1 é do sexo feminino, nasceu no dia dois de novembro de 1934. Possui nível superior em Filosofia, é especialista em Educação Musical e Educação Infantil pela Universidade Federal de Sergipe e Universidade Federal da Bahia respectivamente. Atualmente está aposentado da Universidade Federal de Sergipe, onde sempre esteve ligado à área de Arte e Educação, presta consultorias, ministra palestras, participa de cursos e congressos na área da Cultura Popular, especialmente do Folclore Brasileiro e Sergipano. É escritor e possui diversas publicações na área da Arte, Educação, Folclore e Educação Musical.

A entrevista com o pesquisador 1 foi realizada em um dos locais de trabalho do entrevistado, no dia nove de agosto de 2002, no período das 16 h às 17h30m aproximadamente. O pesquisador 1 recebeu a pesquisadora de forma tranqüila e bem feliz com a temática em estudo, prontificou-se em ajudar e fornecer, além das questões das entrevistas, materiais didáticos e outros elementos que pudessem contribuir para o melhor desenvolvimento da pesquisa. As respostas dadas pelo pesquisador 1 foram extensas, claras e bem relacionadas com o estudo, afinal, o pesquisador 1 estuda e publica, há muitos

anos, obras sobre o folclore sergipano e tem na sua história de vida a própria essência do folclore. A entrevista foi gravada em fita cassete e transcrita na íntegra. Após responder as questões norteadoras do trabalho, o pesquisador 1 e a pesquisadora conversaram por longo tempo sobre várias áreas de conhecimento e sua relação com o folclore. Há uma forte preocupação do pesquisador 1 com a educação e especialmente com a relação entre a cultura popular e o processo educativo. Pudemos conversar e trocar reflexões sobre a grande importância da Educação Física nesse processo de valorização da cultura. Foi extremamente enriquecedor usufruir daqueles momentos ao lado do pesquisador 1, bem como poder, de alguma forma, relacionar suas obras, suas ações com este trabalho.

**Pesquisador 2** – O pesquisador 2 é do sexo masculino, nasceu no dia dez de fevereiro de 1944. Possui nível superior nas áreas de Direito, Literatura, Sociologia e abraça profissionalmente o campo das Ciências Sociais e o Jornalismo. Atualmente o pesquisador 2 dirige uma ONG em Aracaju chamada Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura. É diretor e colunista editorista da Gazeta de Sergipe. É escritor e escreveu diversas obras sobre a Cultura e o Folclore no Brasil e em Sergipe.

A entrevista com o pesquisador 2 foi realizada na ONG que o mesmo dirige, no dia seis de agosto de 2002, no período de 8h30m às 11h aproximadamente. O pesquisador 2 recebeu a pesquisadora de forma acolhedora, principalmente por estar ela envolvida com a área do folclore. Além da entrevista, a pesquisadora recebeu uma aula de história e cultura sergipana, de forma explicativa, com apresentação de obras publicadas pelo pesquisador 2 e por outros autores brasileiros. A entrevista foi gravada em fita cassete e transcrita na íntegra posteriormente. As respostas foram dadas de forma aprofundada e cada item mencionado era exemplificado pelo pesquisador 2. O local em que foi realizada a entrevista era repleto de material de pesquisas e de ricos materiais do folclore brasileiro e especialmente do folclore sergipano. No final do encontro, a pesquisadora recebeu do pesquisador 2 um vasto material didático sobre folclore, entre livros, cds e artigos, enriquecendo dessa forma o acervo da pesquisadora

sobre folclore sergipano. A experiência e a relação do pesquisador 2 com a cultura sergipana e o folclore estão expressas em diversas obras citadas pela pesquisadora nesta dissertação.

**Brincante 1** – O Brincante 1 é do sexo feminino, nasceu em São Cristóvão e tem treze anos de idade. Cursa a quarta série do ensino fundamental.

A entrevista com o Brincante 1 foi realizada em São Cristóvão, no dia quatro de agosto de 2002, no período de 15h às 15h30m aproximadamente. O Brincante 1 recebeu a pesquisadora de forma tímida e houve uma grande dificuldade para ele apresentar suas respostas durante a entrevista. O contato da pesquisadora com o Brincante 1 foi muito rápido e a pressa de finalizar a entrevista era visível na expressão do comportamento do Brincante 1. As respostas do Brincante 1 foram gravadas em fita cassete e transcrita posteriormente na íntegra. A entrevista foi realizada no final do ensaio do Grupo de São Gonçalo de São Cristóvão, na casa de Folclore Zeca de Norberto, espaço cedido para observação do grupo pela pesquisadora. O Brincante 1 é o mais jovem entrevistado e apresentou muitas dificuldades para responder as perguntas por sua grande timidez; apesar disso respondeu de forma objetiva as perguntas, mas sem muitos aprofundamentos.

**Brincante 2** – O Brincante 2 é do sexo feminino, nasceu no dia quinze de agosto de 1927 e reside em São Cristóvão. Estudou até o segundo ano primário, naquela época assim chamado.

A entrevista do Brincante 2 foi realizada na sua residência em São Cristóvão, município de Sergipe, no dia nove de agosto de 2002, no período de 9h às 10h aproximadamente. O Brincante 2 recebeu a pesquisadora de forma tímida,

mas com muito carinho e aconchego, possibilitando assim uma maior relação entre ele e a pesquisadora. As respostas do Brincante 2 foram gravadas em fita cassete e transcrita posteriormente na íntegra. A entrevista foi realizada de forma objetiva, as respostas apresentavam clareza, embora o Brincante 2 mostrasse dificuldades para lembrar alguns fatos do passado. Vale salientar que o Brincante 2 é um dos entrevistados mais velhos do grupo. A sua casa apresentou um ambiente de simplicidade e de muita humildade. A forma com que o Brincante 2 trazia o seu passado para aquele momento foi emocionante e carregado de desejos de viver muito mais através da brincadeira, da dança e do convívio com seu grupo de amigos.

**Mestre 1** – O Mestre 1 é do sexo masculino e nasceu no dia nove de novembro de 1925, estudou até o primeiro ano do primário, como na época era chamado. Reside em São Cristóvão e tem a pesca como sua importante atividade, além de desenvolver trabalhos na área do Folclore.

A entrevista com o Mestre 1 foi realizada na sua residência em São Cristóvão, município de Sergipe, no dia vinte e três de julho de 2002, no período de 9h às 12h aproximadamente. O Mestre 1 estava feliz e recebeu a pesquisadora de forma acolhedora e simples. O Mestre 1 teve uma relação muito forte com a pesquisadora durante todo o processo de desenvolvimento desse trabalho, pois ele coordena e promove o grupo em estudo nessa pesquisa. O Mestre 1 gosta de pescar e durante os vários encontros entre ele e a pesquisadora o assunto girava em torno da pescaria do Mestre. O desenvolvimento da entrevista foi marcado por muita emoção e as lágrimas foram constantes companheiras da pesquisadora e de sua irmã que na oportunidade acompanhava esse trabalho. A simplicidade das coisas, do lar do Mestre 1, a sabedoria de suas palavras, o desejo de ensinar e aprender com a pesquisadora, tudo era motivo de muito orgulho tanto para o Mestre como para seu povo que ali estava, ou seja sua família, cheia de alegria e especialmente felizes e vaidosos pela escolha do grupo para essa pesquisa. As respostas do Mestre I foram gravadas em fita cassete e transcrita posteriormente na íntegra, suas respostas

foram profundas, sempre exemplificando suas intenções de fé na dança e no que ele realiza há muito tempo. Durante vários encontros com o Mestre 1 consegui ouvir e compreender o que a dança de São Gonçalo representa na sua vida e assim diversas informações sobre esta manifestação foram tratadas também nesta pesquisa. O Mestre 1 impulsionou, da forma mais simples e emocionante, a relação da pesquisadora com esse trabalho e com sua história de ser humano, ser mulher e ser feliz. A pesquisadora sente-se extremamente grata ao Mestre 1 por todas as palavras e ações durante a realização dessa pesquisa.

**Mestre 2 –** O Mestre 2 é do sexo masculino e reside em São Cristóvão, nasceu no dia vinte e sete de fevereiro de 1935 e estudou até o quarto ano primário.

A entrevista com o Mestre 2 foi realizada na sua residência em São Cristóvão, município de Sergipe, no dia quatro de agosto de 2002, no período de 17h às 18h aproximadamente. O Mestre 2 estava especialmente curioso e recebeu a pesquisadora de forma acolhedora e simples. A pesquisadora foi acompanhada pela sua irmã e pela coordenadora da Casa de Folclore Zeca de Norberto de São Cristóvão, Maria da Glória. O Mestre 2 demonstrou muito interesse pelas questões apresentadas pela pesquisadora sobre a proposta do trabalho e apresentou de maneira clara as suas considerações. O Mestre 2 também coordena grupos de folclore em São Cristóvão e possui um rico acervo de material em casa, confeccionado e criado por ele, expressando seu belo lado artístico. A entrevista foi gravada em fita cassete e transcrita na íntegra posteriormente, suas respostas foram aprofundadas e enriquecedoras para as comparações e observações da pesquisadora em temas de discussão sobre o folclore sergipano.

### **3.1.5 Os Discursos e os Sujeitos**

## Os Discursos - Pesquisadores

- Qual a sua relação com o folclore?

### Pesquisador 1

*Ah! Meu Deus! É uma relação de paixão total, isso começou realmente na educação da minha casa, minha mãe não tem nível superior, mas minha mãe é sensível, meu pai, muito tímido e minha mãe muito extrovertida, então, quero dizer, os opostos que se encontraram, então, essa paixão pelo folclore começou porque eu, como menina criada no interior, as festas do interior, como são? As festas de padroeiras, o circo que chegava e as expressões folclóricas, então, era o Cacumbi que dançava, a Chegança que se apresentava, era a Taieira. Eram essas coisas, que eram a distração da cidade do interior, e minha mãe, que é filha de um fazendeiro de um interior de Boquim, Itabaianinha e por aí, ela sempre conviveu muito com os Reisados que eram apresentados na fazenda, então ela contava muito pra mim as coisas de Reisado que ela, quando era jovem tinha participado, não, ela tinha conhecido, né? E o Reisado ia dançar muito na fazenda do pai dela, então, tenho essa ligação bem grande com o Reisado. Bom, aí a vida no interior do jeito simples, no sentido de festa, de distração, são duas coisas que eu agradeço muito aos meus pais, os dois, uma coisa, por exemplo: o gosto pela leitura, porque eles nunca vinham aqui, na capital, sem levar para os filhos livros, livros de histórias, então, isso é uma coisa fabulosa, porque a gente tem então, duas distrações: ler e assistir coisas que aconteciam na cidade, esse lado de acontecia era mais o estímulo da mãe, né, que gostava. Aí a gente morava em Riachuelo, nós brincávamos, eu e meus irmãos, de Cacumbi, com apito e tudo, quer dizer, brincava de que? Daquilo que a gente via, enquanto criança, então,*



*essa coisa foi ficando, esse gosto, e quando eu fiquei adulta, eu sempre gostava de trabalhar esta área e já escrevi muita coisa de teatro dentro da cultura popular, bem, e aí, o resto é de fazer pesquisa, é de estudar, de publicar livros, né? E agora mesmo saiu um livro meu: Danças e Folguedos do Folclore Sergipano, está pra sair outro sobre a lúdica infantil, incluindo no termo cultura, a cultura popular que faz com que eu escreva para o teatro, muito para essa linha popular e também publico coisas de arte e educação. Sim, e quando eu, em 55, eu fiz esse curso de especialização na Bahia, e de educação musical, eu criei aqui uma escola de música para crianças, eu passei vinte anos da minha vida, e o folclore era uma coisa assim, natural na minha escola, antes da 5692, de Parâmetro Curricular, né? Que é uma coisa bem nova, o parâmetro curricular, a 5692 não, mas antes de toda essa obrigação que se criou, antes de tudo isso, a minha escola trabalhava todas as expressões do folclore. Hoje em dia, eu encontro alunos meus casados, que já são médicos, não sei o que lá, e aí eles dizem, ah! Vi um Reisado, só me lembrei da senhora! Quando eles dizem assim, para mim, é uma recompensa, porque alguma coisa dessa aprendizagem ficou na lembrança deles. Além dos cantos, fazíamos também muita projeção estética, né? Ensaiaava Reisado para eles verem como é que era e valorizarem mais ainda o autêntico.*

## **Pesquisador 2**

*É uma relação de intimidade. Eu nasci aparado por uma Rainha da Taieira lá de Lagarto. O fato de ter me criado no interior, nascido e me criado no interior, me permitiu conviver com os grupos. Eu vi, desde cedo, o Celesteiro lendo alto cordel na feira. Eu acompanhei as zabumbas pedindo chuvas em procissão, eu ia para o mercado ver os grupos de Reisado se apresentar, como ia ver o palhaço, o perna de pau chamando o povo para o circo. Eu me criei neste ambiente, me criei vendo queima de Judas em sábado de aleluia, vendo apresentações de todo tipo de grupo no período junino ou no período natalino. Bom, e fui me ambientando e crescendo neste ambiente, eu confesso que fiz um caminho diferente, eu primeiro conheci, eu primeiro vivi a cultura, quando eu cheguei à leitura, é muito fácil, eu só estava ali decodificando as linguagens,*

*porque tudo aquilo que estava sendo falado eu já conhecia, então, para mim, foi muito melhor, porque eu tenho até uma historinha, que eu gosto muito dela. Eu vivi num grupo de amigos, quando eu estudava no científico, eu gostava muito de literatura e de literatura sergipana, eu era um aficionado por Sergipe, então, um amigo meu levou um professor dele para me conhecer porque eu fazia biografia de Tobias Barreto, Silvio Romero, Fausto Cardoso, João Ribeiro, enfim, eu gostava disso e eu compunha, gostava muito de fazer músicas e eu trabalhava com os ritmos populares. Ora, a convivência nesse grupo foi muito difícil para mim, porque, enquanto era prazerosa a parte do lazer, era muito difícil porque todo mundo andava com o livro debaixo do braço, era estudar com o erudito dos colégios, todos eles lendo Freud, a psicanálise estava em moda no final dos anos 60 e nos anos 70, e eu era tido como uma pessoa de pouca leitura, que não gostava de ler. Enquanto eles liam, eu continuava, não tinha um final de semana que eu não pegasse o meu carro e ia para o interior, eu ia ver gruta, ver foz de rio, eu ia atrás de notícia de qualquer barco que tivesse naufragado nas entradas das barras sergipanas, eu ia ver o patrimônio, fosse igreja, fosse convento, fosse uma capelinha caída, um cemitério antigo, eu ia ver as pedreiras, ia ver lá em Sítios Novos, em Canhoba, uma tal lagoa onde encontraram pedaços de um animal gigantesco, esses pedaços tão históricos. Então, eu andava por todo o estado, fazendo tudo aquilo que me enchia os olhos e a alma de sergipanidade. Quando, com o tempo, eu cheguei ao livro, como um exercício diário, eu hoje, leio e escrevo todos os santos dias, quando eu não estou atendendo ninguém, eu estou lendo ou escrevendo. Hoje, para meu prazer, todos os meus amigos são meus admiradores e gostam muito do que eu falo, do que eu escrevo e me estimulam muito. E, lamentavelmente, eles não estão lendo a não ser alguma coisa superficial, eles perderam até mesmo o vínculo com aquela leitura evasiva na área humana, que é a psicanálise.*

- **Qual a importância do estudo do folclore sergipano?**

### **Pesquisador 1**

*Eu acho que são vários níveis de importância, um seria o resgate, o encontro, a identificação dessas etnias que constituíram. A segunda coisa é lidar com esse imaginário tão fértil do povo, né, na criação dos cantos, dos gestos, de todas as coisas, como eles trabalham isso teatralmente, me interessa demais, pelo nível de improvisação e pelo nível de interpretação que eles também provocam. Então, eu acho que os folguedos, principalmente, por ter a formação dramática, mas já eram chamadas de danças dramáticas, elas me interessam muito, por esse lado, de possibilidade. Além do mais, eu trabalho muito a dramaturgia do conto popular, eu tenho feito muitas leituras e dramatizações em cima do conto popular. Trabalhando ele numa linguagem teatral. Em cima disso fui a Portugal três vezes dar cursos para professores em cima da dramaturgia do conto popular, que é o folclore na sua área de literatura oral, então, essa área me interessa demais, além das danças e folguedos.*

### **Pesquisador 2**

*Bem, o sergipano entra aí, como um cenário, um ambiente, que é o meu ambiente. Então, aquilo que me rodeia, que eu vejo com os próprios olhos, que eu sinto com todos os sentidos e que integra minha própria experiência. No entanto, o que me interessa profundamente é saber dessa relação do povo com o resto do mundo, o povo brasileiro, o povo nordestino, o povo sergipano, com o resto do mundo.*

- **De que forma você analisa o trato com as manifestações folclóricas nas escolas, Universidades e Faculdades de Sergipe?**

### **Pesquisador 1**

*É um sonho que foi de João Ribeiro, sabe lá em que tempo, né? De deixar o folclore entrar na educação como uma disciplina, foi o grande sonho dele. Eu acho que se a escola deixar de ser preconceituosa e elitista e abrir as portas para a cultura popular, ela vai ter um material extraordinário e vai contribuir com o crescimento do aluno. Mesma coisa eu penso da universidade, faço críticas terríveis aos cursos de Educação Física. Como você tem na lúdica infantil um material extraordinário para você trabalhar motricidade, rítmica, todas essas coisas que compõem. Eu não sou especialista em Educação Física, eu estou falando como educadora e aí eu vou, eu ensino tudo no curso de Educação Física, menos as coisas da cultura popular, porque, eu não sei, se acostumou a conhecer. Tem coisas mais específicas de que amarelinha, o macacão nosso que é a mesma coisa. Eu, quando jogo aquela pedra e quero tirar aquela pedra com meu corpo todo suspenso para o lado, eu estou trabalhando o equilíbrio do corpo, da motricidade fina, Meu Deus, quanta coisa, eu não lhe disse, mas eu sou professora de Psicologia da Educação na Universidade, então, eu sempre dei quando eu chegava neste assunto, a motricidade, eu dava sabe onde? Eu dava no barracão do pessoal de Educação Física, eu ia dar o teórico junto com o prático. Então, sempre mostrei como é que a música, por exemplo, quando eu trabalho o corpo, eu trabalho a rítmica, trabalho tudo isso, eu estou trabalhando um elemento musical, porque o meu corpo é um instrumento musical, então, eu sempre dava isso, ligando o teórico com o prático, e sempre aproveitei as músicas, as coisas do folclore, dos jogos, das brincadeiras, eu acho que isso a Universidade não mexe, esporadicamente, um professor, só professor que tem essa sensibilidade, mas não é uma prática.*

### **Pesquisador 2**

*Em todos os níveis a escola é um horror, é uma pressão de serviços, porque a escola repete agora, na atualidade, um papel que foi dos colonizadores, dos dominadores, que é o papel de eliminar da cabeça do povo as suas próprias*

*manifestações. A escola ensina uma nova língua, apesar de ser a mesma língua, quando eu digo, ensina uma nova língua, é porque ela censura determinados vocábulos que ela não considera da prosódia diária, da linguagem comum, que ela profere. Depois, ela faz uma história toda antiga, ela foge da atualidade, porque os parâmetros dos livros curriculares são todos no sentido de estudar o passado. Nós poderemos aprender tudo sobre os fenícios, egípcios, assírios e não aprendemos nada sobre portugueses, africanos, sobre índios, brasileiros, nordestinos, sobre ibéricos, sobre espanhóis, nada. A escola considera letrada, não gosta de letrados, trata todo mundo como analfabetos e começa a brincar com a nação, ao invés de ensinar coisa que tem a ver com esses personagens reais da vida brasileira. Ela ensina coisas hipotéticas, ela ensina matemática sem ensinar os jogos infantis. Eu não conheço nada que poderia ensinar tanto matemática como a bola de gude, o jogo de marraio, porque é um jogo de cálculo, um jogo de raciocínio, que exige estratégia, exige consciência para a força que se deve dar ao braço e à mão na hora de lançar a bola, na hora de buscar o adversário, na hora de recuar a bola fora do buraco. Enfim, permite uma série de exercícios matemáticos e a escola não toma nenhum tipo de conhecimento em relação a isso, ou seja, a escola existe para justificar um discurso, porque aprendizagem é uma coisa contínua. O que é o tal processo ensino-aprendizagem? Na minha opinião, seria o professor como depositário do conhecimento acumulado pela humanidade, na ciência específica, que ele se orientou, indo para a sala de aula, aquele ambiente mágico, para receber os alunos, procedentes de várias etnias, de várias condições sociais, são portadores de um tipo especial de cultura. Bom, o processo ensino-aprendizagem é esse encontro de uma cultura já dominante, já aceita, já circulante, universal, no sentido da busca pelo melhor e maior conhecimento ou uma cultura que vem toda ela ainda intuitiva, espontânea, que vem da casa, que vem da rua. Bom, então, é essa integração que faz com que o professor, no primeiro momento, aprenda mais do que ensina, no sentido de tomar a leitura que ele fez sobre esse mostruário de cultura que os alunos trazem todos os dias e a partir daí, ir transformando essa cultura, construindo a crítica e o saber. E o saber é exatamente isso: é construir uma referência, onde todos, da escola ou não, possam recorrer. Na escola impera*

*o silêncio, a criança só tem direito para olhar para a nuca da outra criança, não conversa, não pergunta, não sabe nada e muitas vezes, até é levado a acreditar que não tem condições de aprender.*

- **Como você trata as Danças Folclóricas em seu estudo?**

### **Pesquisador 1**

*Eu trato de duas formas, uma as danças simples que cada um pode dançar, e as danças que antigamente eram chamadas de dramáticas e hoje são chamadas de folguedos, né, que são as histórias, mesmo que essa história hoje, já tenha quase desaparecido, como é o caso do Cacumbi. O Cacumbi contava a luta do rei Nagô e o Indígena, hoje, eles dançam sem nenhuma referência a essa questão. Por que? Porque durante o tempo essa parte dramática, esse resquício de auto foi se diluindo e ficou só a dança, só ficaram os cantos, os volteios, e uma dança muito forte, muito masculina, mas ela perdeu essa dramaticidade. Um dos últimos remanescentes desta dança que é cultivada, que é a do Mestre Cural, em Japarutuba, mas os outros de hoje fazem aquela seleção de danças, uns volteios, uns ritmos fortes, tudo, mas sem contexto dramático. Mas é um folguedo, porque na origem, ele tinha uma história, mesmo caso dos Caboclinhos e Lambe Sujos, caso da Chegança. Chegança teve uma fonte que, como ela, é remanescente de um auto ibérico, muita coisa estava escrita e aí se salvou mais. A Chegança conta as aventuras, ela é um auto de Mario Guerra que conta as aventuras em alto mar, entre cristãos e mouros.*

### **Pesquisador 2**

*Eu não estudo especificamente a dança, nem os autos populares, nem os folguedos, eu incorporo tudo, eu gosto, me chama atenção, me fascina todas as vezes que eu vejo, e a dança de São Gonçalo, feito pelo grupo da Mussuca.*

*Porque eu conhecia a dança de São Gonçalo como Samba de Pareia, como grupo de homens e mulheres, com outras formações e outras evoluções e o São Gonçalo da Mussuca é um grupo que dança em espiral, que dança em volteios, com uma leveza, com uma expressão, tanto rítmica quanto física, que me chama muita atenção, eu nunca vi nada parecido em lugar nenhum, que eu tenha visto coisas do povo.*

- **Você já dançou?**

#### **Pesquisador 1**

*Ah! Quando eu fazia, escrevia textos de teatro e que eram baseados na cultura popular e que tinha, por exemplo, Guerreiros, Reisados etc., nós costumávamos levar os componentes dos grupos para o local onde os autênticos estavam dançando e a gente dançava com eles. Eu acho adorável, sabe, e até hoje eu não resisto dançar em um Reisado. Acho que é tão gostoso quanto na Paraíba você ver uma Ciranda.*

#### **Pesquisador 2**

*Não é que eu tenha dançado, eu também me movimento, mexo os ossos, como eu vim do interior, como eu estava lá no interior brincava, participava, mas eu acho que é muito bom que eu veja a dança.*

#### **Os Discursos – Brincantes**

- **Na sua escola tinha dança?**

**Brincante 1**

*Não.*

**Brincante 2**

*Tinha, nem estou lembrada, tinha lá, umas besteiras. Já estou tão velha para me lembrar dessas coisas, tinha umas besteiras, um negócio de balé.*

- **O que você sente quando dança?**

**Brincante 1**

*Alegria, né, sente uma coisa, sabe? Fico com falta quando estou parada, aí começo a dançar.*

**Brincante 2**

*Eu sinto alegria e o que eu sinto, alegria, prazer da minha vida que estou brincando ali, com gente amiga.*

- **Os movimentos das danças são fáceis?**

**Brincante 1**

*São fáceis.*



## **Brincante 2**

*São fáceis.*

## **Os Discursos – Mestres**

- **O senhor dançava na sua escola?**

### **Mestre 1**

*Não. Naquele tempo não existia dança, existia a palmatória.*

### **Mestre 2**

*Sim. Tudo isso, que eu aprendi hoje, aprendi na escola, porque as professoras antigamente, elas se preocupavam muito, isso que você está fazendo foi a professora do meu tempo, tudo que eu sei de trabalho manual, de pintura, estes estandartes que eu faço aqui, eu aprendi na escola, com minhas professoras. Hoje, tem uma professora que ainda é viva, Dona Clara, em Aracaju, encontrei lá, e tenho a maior alegria. Hoje, as moças não querem aprender mais essas coisas, têm vergonha, né? Aí, não pode aprender, não pode ensinar. Mas, eu fiz um projeto, realizei um projeto aqui, eu, vestido na camiseta! E eu fui o professor do Samba de Coco, a gente arrasou em Aracaju. O Samba de Coco, hoje em dia, o pessoal bate com o pé, não, não, não! O Samba de Coco tem que ter a música no pé, a pisada é uma do Samba de Coco, o Samba de Roda é uma pisada, o Samba de Trocadilho é outra pisada e a zabumba acompanha o som da pisada, a cantiga do Samba é conforme a pisada.*

- **O que o senhor sente quando dança?**

#### **Mestre 1**

*Alegria, e alegria, isso é vida, dança e alegria, alegria é vida, isso traz muita vida pra gente, a gente vive mais feliz, com mais saúde, a gente tá doente, mas quando começa a chamegar, esquenta o corpo, acaba todas as dores.*

#### **Mestre 2**

*Quando eu danço eu me sinto um rei. Porque eu me sinto, quando parece que estão me olhando, que a gente dança danças antigas, chama atenção, então as pessoas ficam fomentando ali, então, me acham um rei de salão.*

- **Os movimentos das danças são fáceis ou difíceis?**

#### **Mestre 1**

*São coisas difíceis não, são coisas fáceis, dança somente de acordo com a orquestra, né? O ritmo da orquestra é o baculejo da dança, mas não temos dança difícil, né? Que a dança difícil mais é o balé, né?*

#### **Mestre 2**

*Olha, para mim, todos são fáceis. Difíceis, para quem está aprendendo, são muito bonitos os passos.*

- **Existe diferença desse folclore de hoje para o de antigamente?**

### **Mestre 1**

*Existe muita, porque o folclore hoje se transformou, ele se modificou, ele modificou no modelo muito diferente. Você vê, mesmo o folgado nosso de São Gonçalo, essa história que eu vou te dizer, como é que nós brinca, porque nós brincamos simplesmente só cantando, dançando e louvando, cantando versos em memória, a vida dele é dançando, né? Hoje, São Gonçalo, ele foi que segundo diz que o nome dele é Sampaio De Vinela, não sei ainda, né? Porque, pra isso, eu não estudei muito, eu não sei se é verdade que o nome dele é Sampaio de Vinela, mas conheço como São Gonçalo do Amarante, então, ele era protetor de mulher solteira, casamenteiro de velha, serviu-se até de parteira, foi marinho, tocador de viola, pagador de promessa, ele foi um rapaz jovem, namorador, bonito, então, ele fazia aquelas festas, naqueles povoados ataiando aquelas mulheres para não ir para a prostituição, e ali fazia a festa, amanhecia o dia, tocando aquela viola, com aquelas prostitutas, com aquele povo todo, ele foi aquele namorador, né? Donzelo, agora, ele não tinha preconceito, era velho, moço, menino, criança, tudo brincava junto com ele, essa história é verídica, porque vem dos grandes pesquisadores que mais trouxeram pra nós, né? Então, hoje está transformado, hoje, São Gonçalo, como tem vários lugares que brinca o São Gonçalo, muito bonito, muito ligeiro, dança veloz, mas não era aquele folgado de São Gonçalo, ele não se vestia de mulher, ele não brincou assim. Tipo xangozeiro, ele foi um homem muito simples, ele foi católico, por sinal São Gonçalo, depois que abandonou, que foi chegando a idade dele, ele foi seminarista, foi padre, morreu como frade em Lisboa. Essa historia de São Gonçalo está no céu, né? Ele morreu como frade, não como xangozeiro, porque no início da festa dele, segundo sua história, que é verdadeira, essa história, quando aparecia no Brasil esse folgado de São Gonçalo trazendo esta linda*

*história com essa força desse homem muito intelectual, muito amoroso, muito cheio de fé em Deus, então, os homens aproveitaram e fizeram dele um santo forte e protetor, quiseram ganhar até dinheiro fazendo coisa, que era ensaiado no fundo das igrejas, mas eles transformavam, eles botavam careta forte que até assombrava até as crianças, e fazia aquelas coisas. Os padres vendo aquilo, expulsou da igreja. Hoje São Gonçalo não pode mais ser da igreja, porque ele transformou, mas ele faz parte do catolicismo. É essa história de São Gonçalo do Amarante que eu conheço, né? Eu brinco em memória a essa história.*

## **Mestre 2**

*Olha, a diferença é grande, antigamente na minha idade, ou mais um pouco, as pessoas faziam por amor, porque tinha gosto, hoje em dia, as pessoas fazem por dinheiro, obrigado, agora, tem dias que as crianças dizem: eu vou brincar, porque vou ganhar cinquenta reais, senão, eu não ia. Terminou o curso, deixaram de participar, não tem interesse.*

## **3.2 Análises dos Discursos**

Os discursos dos sujeitos revelam informações e reflexões sobre a

relação dos mesmos com o folclore sergipano, com a dança de forma geral e com o trato dessas manifestações nas escolas.

É possível observar que a relação dos pesquisadores com o folclore se deu através de ligações de atividades cotidianas, desenvolvidas desde a infância até os dias atuais, participando de festas populares, de eventos familiares, com a forte presença de grupos e festejos folclóricos. É uma relação de paixão, de total intimidade com as mais variadas apresentações folclóricas vividas na época de cada um deles.

O gosto pela música, pela leitura e o envolvimento deles com os estudos na época passada retratam também um importante veículo para ligação dos pesquisadores com a área da cultura popular até os dias atuais.

Para Alencar (1983, p. 11):

Assim, nascida de forma simples, humilde, sem nenhum aparato técnico a música folclórica pertence à comunidade que a faz sobreviver. E a sobrevivência se faz pela transmissão oral e prática sem conceitos ou teorias. Ao se transmitir, ocorrem modificações, fonte de inovações e de contribuições do povo.

Atualmente, os pesquisadores entrevistados contribuem com os estudos do folclore sergipano, bem como com os do folclore brasileiro, através de suas inúmeras publicações acerca do tema em estudo. Trechos de algumas destas importantes obras estão inseridos nos capítulos dessa dissertação.

Para os pesquisadores entrevistados, a importância do estudo do folclore sergipano está principalmente ligada à possibilidade da identificação das etnias, pelas formas como surgem as criações e recriações das linguagens teatrais, das danças, dos gestos e Sergipe se apresenta dentro deste processo como um ambiente, um cenário de relações entre o povo sergipano, o povo nordestino, o povo brasileiro e o mundo.

Concordo com Alencar (1983, p. 13-14) quando afirma:

O folclore sergipano apresenta uma riqueza muito grande de material a ser trabalhado. A exemplo do folclore brasileiro,

percebe-se no sergipano, grande influência da contribuição portuguesa e negra, sendo que em menor destaque a indígena [...] partindo do pressuposto que SÓ SE DEFENDE AQUILO QUE SE AMA, temos urgência em fazer colocação do folclore sergipano na educação para integrar a cultura da região às etapas do desenvolvimento do ser humano e estabelecer um relacionamento mais profundo.

Para a autora Aglaé Alencar (1983, p. 12):

Este amor se faz lento e constante e não de repente porque uma “lei número tal” informa que o folclore deve ser estudado nas escolas. E sob a avalanche de portarias, passamos a desenvolver mais uma farsa da educação: “macaquear” o nosso folclore apenas para cumprir uma ordem, mas sem emoção.

Vale destacar a grande preocupação dos pesquisadores entrevistados com a forma com que as escolas e as Universidades tratam o folclore e as manifestações culturais do povo sergipano e do povo brasileiro, evidenciando a grande carência de as escolas entenderem e desenvolverem estes temas de importância no processo ensino-aprendizagem.

Os pesquisadores apontam a necessidade de a escola abrir espaços para a cultura popular e principalmente evitar o preconceito e o elitismo que a acompanham ao longo da sua história, impossibilitando a valorização dos conhecimentos através das brincadeiras, dos jogos populares e do folclore.

A sala de aula deve ser um espaço para a comunicação das diferentes culturas trazidas pelos alunos. Os pesquisadores denunciam a grande importância de a história e a cultura brasileira serem apresentadas nas escolas para os alunos de forma mais verdadeira, com os fatos e acontecimentos desse país.

Contemplo as palavras de Barreto (1998, p. 117-118) quando diz:

[...] não proclamo circunscrever uma cultura oficial, ou erudita, que compreenderia tudo que é apreendido nas escolas, nos templos de grandes religiões, nas universidades, e em outros lugares, de características escrita e formalista, à qual se oponha

uma cultura popular, ligada à tradição oral, livre, profana, extravagante e coletiva.

Vale salientar o grande compromisso da Educação Física, através dos seus ricos conteúdos com o estabelecimento de uma comunicação com este vasto leque de possibilidades oriundas da cultura popular. Esse compromisso está evidenciado durante essa pesquisa, na apresentação dos capítulos em que a pesquisadora traz reflexões sobre a possibilidade dessa comunicação.

Ou melhor dizendo nas palavras de Moreira (1993, p. 207):

Os meios que a educação motora utilizará em sua pedagogia do movimento poderão ser o esporte, o jogo, a ginástica etc., bem como os vários processos de reeducação, readaptação e expressão corporal, desde que neles se construam espaços onde o homem se torne humano, sendo reconhecido como consciência e liberdade.

Freire (1997, p. 186) afirma que:

Os professores devem estimular a realização de atividades rítmicas, com a preocupação de desenvolver a noção de tempo das crianças. As atividades com música, com capoeira e danças folclóricas, o uso de instrumentos, de voz, são alguns dos recursos que, dependendo das condições de cada escola, podem ser propostos num programa de Educação Física.

É possível observar a partir dessas reflexões dos autores citados a possibilidade da relação do folclore, das manifestações populares com o grande universo da Educação Física.

Os pesquisadores não possuem relação de investigação com a Dança de São Gonçalo apresentada em São Cristóvão. O pesquisador 1 dedica os seus estudos aos folguedos de uma forma geral e demonstra a grande preocupação de atualmente as características desses autos populares desaparecerem do universo folclórico. A relação do pesquisador com a dança é muito próxima através dos seus textos, das suas criações, para trabalhos de grupos teatrais. Ele não resiste dançar um Reisado, que é um folguedo de grande importância em Sergipe.

Para os brincantes, as danças folclóricas são apresentadas e praticadas de forma fácil e tornam-se capazes de contribuir para as sensações de alegria, de prazer, para a grande amizade entre os componentes do grupo e bem estar de cada um.

Dantas (1999, p. 115) afirma:

Dançar é dar carne à memória do primeiro ato para recuperar o movimento com o sentido e a intenção com que ele foi criado. Dançar, como já se viu, é dar carne aos sentimentos, ao que só pode ser sensível e assimilável, mas não traduzível, modulando-os no corpo. Tornando visível, no corpo, a sensibilidade.

Durante o período escolar, os brincantes não desenvolveram a dança e a sua prática aconteceu de forma mais ativa no grupo formado em São Cristóvão pelo Mestre Raimundo Bispo dos Santos.

Finalizando a análise dos brincantes com a dança, contemplo as palavras de Dantas (1999, p. 105) para expressar:

A dança só existe realmente quando está sendo dançada. A dança só existe em plenitude quando os corpos estão dançando. Não há separação entre quem dança e o que é dançado: quando o bailarino dança, ele não representa ou simboliza a dança, ele simplesmente vive aquela dança. A dança se concretiza a partir dos movimentos do seu corpo.

Analizando e observando os mestres entrevistados nesse estudo, percebi uma forte expressão de desejos de transmitir a grande importância da valorização e preservação das características do folclore e do seu valor na vida de cada grupo, bem como na vida de cada mestre.

Para o Mestre 1, a dança não foi apresentada na escola que ele frequentou, já para o Mestre 2, tudo que ele aprendeu para desenvolver suas atividades na área do folclore foi na escola, a qual tem muita importância para ele.

Os Mestres tratam os movimentos das danças folclóricas como fáceis e dançando eles sentem alegria, uma melhor saúde e por diversas vezes sentem-se os próprios personagens, até um rei.



Para Barreto (1998, p. 129):

O Brasil guarda, na sua memória coletiva, no inconsciente dinâmico do seu povo, um cenário medieval, povoado de reis e de rainhas, príncipes e princesas, homens de corte e vassalagem. E guarda, na boca do povo, um imenso repertório de romances, estórias, provérbios, mitos, e lendas, produzidos pela utopia colonizadora, cristã e católica, de um mundo sem pecado.

É possível perceber, nos discursos dos Mestres, a grande preocupação com as transformações ocorridas no folclore através dos tempos, por diversos aspectos apresentados durante esses relatos.

Valorizo as palavras de Barreto (1997, p. 37) quando afirma:

Fundamental, agora, é pensar como ensinou o filósofo Steintal, que a poesia popular não é tanto a que o povo canta, como a que o povo produz. Que se estenda o enunciado para a imensa gama do repertório popular, do qual, às amarras anárquicas destas colocações, foram pinçados alguns poucos exemplos que exteriorizam, sem rodeios e sem falsificações, os vários processos dominadores aos quais o povo brasileiro, em todas as épocas e lugares foi submetido.

De forma geral, as análises e observações de cada sujeito envolvido nessa pesquisa estão inseridas de forma mais ampla no desenvolvimento de cada capítulo apresentado na pesquisa, que possui sustentação a partir dos pressupostos teóricos sobre os temas apresentados pelos autores e relacionados com o objetivo da pesquisa. As questões geradoras das entrevistas foram apresentadas pelas próprias características de cada sujeito envolvido durante a pesquisa de campo.

**Mestre Raimundo Bispo dos Santos**  
**Ensaio do Grupo de São Gonçalo – São Cristóvão**



Foto: Carla Valéria Freitas Góis

Foto: Carla Valéria Freitas Góis

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Vida

De tudo, ficaram três coisas:

A certeza de que estamos sempre recomeçando...

A certeza de que precisamos continuar...

A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto devemos fazer da interrupção um caminho novo...

Da queda, um passo de dança...

Do medo, uma escada...

Do sonho, uma ponte...  
Da procura, um encontro...

(Fernando Pessoa)

Para aqueles que acompanharam esta viagem de ritmo, som, movimento, idéias e histórias de um povo simples que vem se mostrando no universo do folclore em Sergipe, apresento reflexões acerca do que foi proposto na pesquisa e que me fazem Ver e Sentir a relação entre corporeidade, folclore sergipano e Educação Física.

Durante todo o processo de pesquisa busquei investigar, compreender e principalmente entender o sentido da corporeidade e apresentar elementos que possibilitassem a comunicação com esse estudo.

No decorrer de conversas e de momentos importantes entre mim e o meu orientador, pude perceber que ele sempre esteve coerente, quando afirmava “Ana, você só irá entender e falar sobre corporeidade, quando você incorporar o que é corporeidade”.

Desde então, os meus questionamentos e, principalmente, minhas inquietações foram se transformando e de maneira tranqüila absorvi ou mesmo fui absorvida, incorporada pelo sentido da corporeidade. Tranqüilidade que me faz hoje contemplar e comungar dos pensamentos de Moreira (2003, p. 149-150), quando diz:

Corporeidade sou eu. Corporeidade é você. Corporeidade somos nós, seres humanos carentes, por isso mesmo dotados de movimento para superação de nossas carências. Corporeidade somos nós na íntima relação com o mundo, pois, um sem o outro é inconcebível.

Dessa forma, sendo e tratando do folclore sergipano, através da Dança de São Gonçalo em São Cristóvão, vislumbro a possibilidade de essa manifestação de crenças, fé e histórias adentrar aos estudos da corporeidade, da Educação Física nas escolas e nas suas diversas e ricas relações.

Mesmo sem ouvir dos sujeitos entrevistados nessa pesquisa expressões, tais como corporeidade, corpo, recorro às palavras de Maneschy (2001, p. 121) para afirmar que:

Acerca da Corporeidade, apesar de ainda sermos reféns de uma tradição negativo/dicotômica em relação ao corpo, a cada dia encontramos evidências das suas complexas conformações existenciais. Estudos/vivências sobre as linguagens, ou sobre expressões corporais, nos ajudam a compreender que o corpo é o primeiro elo de contato com o mundo.

E esse elo está expresso durante todo esse trabalho, desde o início até a forma pela qual me apresento neste momento final, com uma sensação de cansaço e bem estar, de prazer e alegria.

Tenho a convicção que há muito por desvelar no universo da corporeidade nesta pesquisa, considerando de extrema importância a valorização do folclore sergipano, das danças presentes nesse universo tão simples e tão rico, em que a comunicação com áreas de conhecimento, como a Educação Física, pode apresentar discussões e principalmente ações que contextualizem histórias contadas e recontadas ao longo de tantas gerações pelos diversos povos. Povos que seguirão nos mais distintos caminhos, despertando novos olhares para histórias que serão vividas, sentidas e escritas pelo próprio povo.

Povo que, nessa pesquisa, apresenta as possibilidades e a importância da valorização da cultura popular nas escolas, nas ruas, nas praças e nos diversos palcos, na Educação Física, através dos jogos, das danças e das brincadeiras, viabilizando assim a relação do conhecimento com a cultura de cada aluno. Cada aluno tão diferente, tão único e ainda assim tão especial.

Enfim, dançar a Dança de São Gonçalo em São Cristóvão é fácil, buscar compreender a diversidade existente em seu processo de existência é o grande enredo para construir essa coreografia. Coreografia que traz diferenças entre tantos grupos no Brasil e em Sergipe, mas nesse grupo investigado foi possível perceber que o melhor e mais preciso movimento é dançar a própria Vida.



## BIBLIOGRAFIA

AYOUB, E. *Ginástica Geral e Educação Física Escolar*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

ALENCAR, A. *Revistas sergipanas de folclore*. Aracaju, 1976.

\_\_\_\_\_. *O Folclore e a Educação musical*. Aracaju: Ed. da Subsecretaria de Cultura de Sergipe, 1983.

\_\_\_\_\_. *Danças e folguedos: iniciação ao folclore sergipano*. Aracaju: Secretaria de Estado da Educação do Desporto e Lazer, 1998.

ALMEIDA, T. O. *O corpo no tempo e na escola: mudanças de paradigmas*. 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2000.

ALVES, R. Ciência, coisa boa. In: Marcellino, N. C. *Introdução às ciências sociais*. Campinas: Papirus, 1994.

ASSMANN, H. *Paradigmas educacionais e corporeidade*. Piracicaba: Unimep, 1994.

BARRETO, L. *Sem fé, sem lei, sem rei*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1996.

\_\_\_\_\_. *Um novo entendimento do folclore e outras abordagens culturais*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1997.

\_\_\_\_\_. *Os vassallos do rei*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1998.

BARROS, D. do R. B.; BARROS, D. *As atividades corporais expressivas: teoria e prática*. Rio de Janeiro: S/ED, 1997.

BRANDÃO, C. R. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CAMINADA, E. *História da dança: evolução cultural*. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

CORTEZ, G. *Dança Brasil: festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.



- CRÉPON, P. *Arte de viver: ritmo biológico da criança*, Lisboa: Retz, 1985.
- DAÓLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Cultura: Educação Física e futebol*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- DANTAS, M. *Dança: o enigma do movimento*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.
- DEDA, C. *Brefálias e burundangas do folclore sergipano*. Maceió: Catavento, 2001.
- DREAMER, O. M. *A Dança: acompanhando o ritmo do verdadeiro eu*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1997.
- GARAUDY, R. *Dançar a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GARCIA, R. M. R. (Org.). *Para compreender e aplicar folclore na escola*. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Estudos do folclore*. Porto Alegre: Comissão Gaúcha do Folclore, 2000.
- GONÇALVES, M. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papirus, 1994.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- LABAN, R. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MANESCHY, P. P. *Corporeidade e Cultura Amazônica: re-flexões a partir do Pássaro Junino do Pará*. Campinas: Unicamp, 2001. (Tese de Doutorado).
- MANZO, C. F. *O grande livro do folclore*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

- MARCELLINO, N. C. Lazer e qualidade de vida. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Qualidade de vida: complexidade e educação*. Campinas: Papirus, 2001.
- MARCO, A. de (Org.). *Pensando a educação motora*. Campinas: Papirus, 1995.
- MARQUES, I. *Ensino de dança hoje: textos e contextos*. São Paulo: Cortez, 1999.
- MATTOS, M. G. de; NEIRA, M. G. *Educação Física infantil: construindo o movimento na escola*. Guarulhos: Phorte, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MONICA, L. D. *Turismo e Folclore: um binômio a ser cultuado*. São Paulo: Global, 2001.
- MOREIRA, W. W. (Org.). *Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século XXI*. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Corpo presente*. Campinas: Papirus, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Croniquetas: um retrato 3x4*. Piracicaba: Gráfica UNIMEP, 2003.
- MORIN, E. *A cabeça bem – feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- NANNI, D. *Dança educação: princípios, métodos e técnicas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- NÓBREGA, T. P. *Para uma teoria da corporeidade: um diálogo com Merleau-Ponty e pensamento complexo*. 1999. Tese (Doutorado) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1999.
- PASSOS, C. *São Cristóvão: a primeira capital de Sergipe* in *História dos Municípios*. Aracaju: Edivânia Freire, 2002.
- PORTINARI, M. *História da dança*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- RIBEIRO, J. *Brasil no folclore*. Rio de Janeiro: Aurora, 1970.

RIBEIRO JUNIOR, J. C. N. *A festa do povo*. Petropolis: Vozes, 1982.

SAMPAIO, T. Corpo e cultura: um movimento com – sentido. *Abada Capoeira Magazine*, ano 1, n. 5, 2002.

SANTIN, S. *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 1987.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.

SIMÕES, R. *Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso*. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

\_\_\_\_\_. *Do corpo no tempo ao tempo do corpo: a ciência e a formação profissional em educação física*. 1998. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SOARES, Carmem L. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.

\_\_\_\_\_. (Org). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.

VERDERI, É. B. *Dança na escola*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

